Andréa Regina Nunes Misquiatti

*A interferência do contexto ambiental no desempenho funcional
da comunicação de crianças com Transtornos
do Espectro Autístico*

*Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Semiótica e Linguística Geral da Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Doutor em Linguística*

*Área de concentração: Semiótica e Linguística
Geral
Orientadora: Profª Drª Fernanda Dreux
Miranda Fernandes*

*São Paulo
2006*

Andréa Regina Nunes Misquiatti

***A interferência do contexto ambiental no desempenho
funcional da comunicação de crianças com Transtornos
do Espectro Autístico***

*Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Semiótica e Lingüística Geral da Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Doutor em Lingüística*

*Área de concentração: Semiótica e Lingüística
Geral*

*Orientadora: Prof^a Dr^a Fernanda Dreux
Miranda Fernandes*

*São Paulo
2006*

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

@reprodução autorizada pelo autor

Misquiatti, Andréa Regina Nunes

A Interferência do contexto ambiental no desempenho funcional da comunicação de crianças com transtornos do espectro autístico / Andréa Regina Nunes Misquiatti; orientadora Fernanda Dreux Miranda Fernandes. – São Paulo, 2006. 137f.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Lingüística Geral. Área de concentração: Semiótica e Lingüística Geral) – Departamento de Lingüística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

1. Desenvolvimento da linguagem (Ambientação; Aspectos sociais; Aspectos cognitivos; Aspectos pragmáticos). 2. Autismo (Fonoaudiologia). 3. Transtornos da linguagem infantil (Terapia). 4. Processos psicoterapêuticos. I. Título

21ª. CDD 401.9
M678i

Victor e Beatriz,

*Minha vida só é completa porque tenho vocês, filhos tão desejados e queridos.
Assim tudo o que faço, só tem sentido porque vocês existem.*

AMO VOCÊS!

Aos meus pais, Edeimar e Alice

*pela oportunidade de ser quem sou, pelo incentivo constante,
pelos exemplos de humildade e amor ao próximo e por sempre
acreditarem em mim*

Aos meus irmãos Angela, Adriana e Guilherme

*pelo constante incentivo e carinho, pelo companheirismo nas
viagens para São Paulo, pela compreensão e apoio em todos os
momentos*

Ao Célio, meu marido

*sempre por perto, nos momentos felizes e naqueles muito difíceis
que passamos este ano.... alguém que compartilhou e incentivou
cada etapa da minha carreira profissional*

À Lidiane

*pelo auxílio nas tarefas do lar, pela maternagem dos meus filhos,
por cuidar de mim, enfim quase uma irmã: Obrigada por tudo!*

Agradecimentos

À minha orientadora, Profª Drª Fernanda Dreux Miranda Fernandes, exemplo de pesquisadora, com quem aprendi muito ao longo da elaboração desta tese. Muito obrigada!

À Profª Drª Débora Maria Befi-Lopes e Profª Drª Jacy Perissinoto pelas valiosas sugestões durante a qualificação.

Ao Prof. Dr. Heraldo Lorena Guida, chefe do Departamento de Fonoaudiologia da UNESP - Marília, pela compreensão nesta importante etapa.

À Profª Drª Cristiane M. Canhetti de Oliveira, coordenadora do Curso de Fonoaudiologia da UNESP-Marília, pelo apoio e compreensão.

Aos colegas do Departamento de Fonoaudiologia da UNESP-Marília em especial aos docentes Dr. Lourenço Chacon Jurado Filho, Drª Sandra Regina Gimenez-Paschoal, Drª Eliane Carriz-Delgado, pelo incentivo e paciência nos momentos em que me ausentei.

À Profª Drª Maria da Graça Chama Ferraz e Ferraz, pela parceria e oportunidade de exercer a interdisciplinaridade e por me permitir compartilhar de um sonho. Obrigada pelo que me ensinou!

À Profª Drª Ana Cláudia Vieira Cardoso pela disponibilidade, colaboração e amizade sempre.

À fonoaudióloga Maria Cláudia Brito minha primeira orientanda, pela amizade, carinho e por estar sempre presente durante a elaboração deste trabalho, obrigada por tudo! Nunca vou esquecer!

Às fonoaudiólogas: aprimorandas do Laboratório de Investigação Fonoaudiológica em Distúrbios Psiquiátricos da Infância da USP-SP, pelo auxílio no julgamento das fitas.

Às amigas Dr^a Lúcia Pereira Leite e Dr^a Sandra Eli S. Oliveira pelo estímulo e carinhosa amizade.

À amiga Márcia Machado de Figueiredo, que acompanhou cada etapa da minha carreira profissional, muito obrigada pela dedicação e auxílio na organização deste trabalho.

À Wilma Rezende Santos secretária do Departamento de Fonoaudiologia da UNESP - Marília pelo apoio e incentivo constante.

Aos meus alunos, que me impulsionam a buscar cada vez mais conhecimentos acerca desta área tão maravilhosa, “Linguagem infantil.”

Aos pacientes e familiares, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Ao paciente S.S.D. de 7 anos, pela ilustração e escrita da capa deste trabalho sobre as “coisas” que ele mais gosta. Adorei!

A Deus, por me iluminar sempre e permitir que tudo pudesse ser concretizado.

Esta tese está de acordo:

Referências: adaptado de International Committee of Medical Journals Editors (Vancouver)

Universidade de São Paulo. Faculdade de Medicina. Serviço de Biblioteca e Documentação. *Guia de apresentação de dissertações, teses e monografias*. Elaborado por Anneliese Carneiro da Cunha, Maria Júlia de A. L. Freddi, Maria F. Crestana, Marinalva de Souza Aragão, Suely Campos Cardoso, Valéria Vilhena. São Paulo: Serviço de Biblioteca e Documentação; 2004.

Abreviatura dos títulos dos periódicos de acordo com *List of Journals Indexed in Index Medicus*.

SUMÁRIO

Lista de Tabelas	
Lista de Figuras	
Resumo	
Summary	
1. INTRODUÇÃO.....	2
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	7
2.1.O Espectro Autístico.....	7
2.2. Linguagem.....	16
2.2.1. Terapia de Linguagem e Pragmática.....	19
2.2.2. Contexto.....	27
2.2.2.1. Pesquisas.....	29
2.2.2.2. Terapia de Linguagem e Contexto.....	33
3. MÉTODO.....	41
3.1. Sujeitos.....	41
3.2. Material.....	43
3.3. Procedimento.....	44
3.4. Registro e Análise de Dados.....	47
3.5. Análise dos Resultados.....	56
3.6. Análise Estatística dos Dados.....	57
4. RESULTADOS.....	59
4.1. Perfil Funcional da Comunicação.....	61
4.1.2. Atos Comunicativos.....	61
4.1.3. Espaço Comunicativo.....	62

4.1.4. Meios Comunicativos.....	63
4.1.5. Funções Interpessoais e Não Interpessoais.....	70
4.2. Desempenho Sócio-Cognitivo.....	75
4.3. Correlações.....	79
4.4. Análise de Aglomerados (Clusters).....	88
5. DISCUSSÃO DOS DADOS.....	91
5.1. Perfil Funcional da Comunicação na Sala Comum e na Sala NIC.....	91
5.2. Desempenho Sócio-Cognitivo na Sala Comum e na Sala NIC.....	96
5.3. Correlações entre Perfil Funcional da Comunicação e Desempenho Sócio-Cognitivo na Sala NIC e na Sala Comum.....	99
5.4. Aglomerados Significativos (Clusters).....	103
6. CONCLUSÃO.....	106
7. ANEXOS.....	110
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	122

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Média do número de Atos Comunicativos, por minuto, dos 10 sujeitos nas duas salas - médias e cálculos estatísticos.....	61
Tabela 2 – Média do Percentual do Espaço Comunicativo dos sujeitos nas duas salas - médias e cálculos estatísticos.....	62
Tabela 3 – Análise dos meios comunicativos pelo sujeito 1.....	64
Tabela 4 – Análise dos meios comunicativos pelo sujeito 2.....	64
Tabela 5 – Análise dos meios comunicativos pelo sujeito 3.....	65
Tabela 6 – Análise dos meios comunicativos pelo sujeito 4.....	65
Tabela 7 – Análise dos meios comunicativos pelo sujeito 5.....	66
Tabela 8 – Análise dos meios comunicativos pelo sujeito 6.....	67
Tabela 9 – Análise dos meios comunicativos pelo sujeito 7.....	67
Tabela 10 – Análise dos meios comunicativos pelo sujeito 8.....	68
Tabela 11 – Análise dos meios comunicativos pelo sujeito 9.....	68
Tabela 12 – Análise dos meios comunicativos pelo sujeito 10.....	69
Tabela 13 – Média, desvio padrão e significância dos Meios Comunicativos dos 10 sujeitos (valores em percentuais).....	69
Tabela 14 – Percentual das Funções interpessoais e não interpessoais expressas pelos Sujeitos 1 a 10 nas quatro sessões e percentual da média.....	71
Tabela 15 – Análise da diferença da interpessoalidade da comunicação entre as duas salas.....	72
Tabela 16 – Média, desvio padrão e significância das Funções Interpessoais.....	73
Tabela 17 – Média, desvio padrão e significância da diferença entre as duas salas quanto às Funções Não Interpessoais.....	74

Tabela 18 – Melhor desempenho nos aspectos sócio-cognitivos na sala comum.....	75
Tabela 19 – Melhor desempenho nos aspectos sócio-cognitivos na sala NIC.....	76
Tabela 20 – Média, desvio padrão e significância das diferenças no Desempenho Sócio-Cognitivo dos dez sujeitos em ambas as salas.....	78
Tabela 21 – Correlações estatisticamente significativas entre o número de atos comunicativos expressos por minuto na sala NIC e outros aspectos do perfil funcional da comunicação e do desempenho sócio-cognitivo.....	79
Tabela 22 – Correlações estatisticamente significativas entre o número de atos comunicativos expressos por minuto na sala Comum e outros aspectos do perfil funcional da comunicação e do desempenho sócio-cognitivo.....	81
Tabela 23 – Correlações estatisticamente significativas entre os dados referentes à ocupação do espaço comunicativo nas duas salas e outros aspectos do perfil funcional da comunicação e do desempenho sócio-cognitivo.....	82
Tabela 24 – Número de correlações estatisticamente significativas com as funções interpessoais em ambas as salas.....	83
Tabela 25 – Número de correlações estatisticamente significativas com as Funções não interpessoais em ambas as salas.....	84
Tabela 26 – Correlações estatisticamente significativas entre o percentual do meio Verbal e a utilização de outros meios comunicativos e o desempenho sócio-cognitivo nas duas salas.....	85
Tabela 27 – Correlações estatisticamente significativas entre o percentual do meio Vocal e a utilização de outros meios comunicativos e o desempenho sócio-cognitivo nas duas salas.....	85
Tabela 28 – Correlações estatisticamente significativas entre o percentual do meio Gestual e a utilização de outros meios comunicativos e o desempenho sócio-cognitivo nas duas salas.....	86
Tabela 29 – Correlações estatisticamente significativas para o desempenho sócio-cognitivo nas duas salas.....	87

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Modelo Bidimensional (adaptado de Bishop, 1989).....9

Figura 2 – Relações dentro do Espectro Autístico (adaptado de Lord e Risi, 2001)10

Resumo

MISQUIATTI ARN. *A interferência do contexto ambiental no desempenho funcional da comunicação de crianças com transtornos do espectro autístico* [tese]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; 2006. 137 p.

Estudos voltados para as alterações da linguagem, em indivíduos com quadros autísticos, têm demonstrado que a alteração central está no uso funcional da linguagem. Dessa forma, as teorias pragmáticas parecem apresentar os melhores subsídios para a identificação das alterações da linguagem, bem como possibilitam a elaboração de propostas de intervenção, permitindo a compreensão mais aprofundada dos aspectos alterados. Essa perspectiva prioriza os aspectos lingüísticos e não lingüísticos, o contexto em que o interlocutor está inserido e o uso funcional da linguagem, favorecendo a correlação entre linguagem e o desenvolvimento cognitivo e social, ou seja, a competência comunicativa. A determinação de contextos e estratégias terapêuticas mais eficientes para o atendimento de crianças com transtornos do espectro autístico ainda representa uma importante lacuna da literatura internacional. A presente pesquisa tem como objetivo analisar e comparar a interferência do contexto ambiental, no desempenho funcional da comunicação, em dois ambientes diferentes de terapia de linguagem: uma sala comum de terapia e outra com ambientação específica, denominada “sala NIC”, no recorte do processo terapêutico fonoaudiológico. Participaram desta pesquisa 10 crianças e adolescentes com diagnóstico incluído nos Transtornos do Espectro Autístico, 6 do sexo masculino e 4 do sexo feminino, com idades variando entre 4 a 13 anos de idade. Na coleta de dados, foi utilizada filmadora, para gravar as sessões de terapia de linguagem individual, durante 30 minutos, e os protocolos de pragmática e do desempenho sócio-cognitivo para análise dos dados. As sessões de gravações foram realizadas num período de um mês de terapia de linguagem, totalizando 8 momentos de gravações. Cada sujeito foi filmado quatro vezes, na sala comum, e quatro vezes, na sala NIC, intercaladamente. Os resultados mostram que não houve diferença estatisticamente significativa, quanto ao perfil funcional da comunicação e os aspectos sócio-cognitivos, nos 10 sujeitos estudados tanto na sala comum como na sala NIC. Contudo, é possível identificar um número maior de correlações estatisticamente significativas, na sala NIC, quanto ao desempenho sócio-cognitivo, sugerindo que o contexto ambiental dessa sala interfere positivamente nesse aspecto. Os dados obtidos permitem constatar também semelhanças e diferenças entre os sujeitos, confirmando a existência de grandes variações individuais, característica desta população. Assim, pode-se concluir que o contexto ambiental não interfere significativamente no desempenho funcional da comunicação de indivíduos do espectro autístico, ainda que se possa hipotetizar que a diferença no desempenho estaria relacionada ao interlocutor e às variações individuais. A partir da presente pesquisa, fica evidente a necessidade de novos estudos, na área, a fim de que se possa estabelecer quais são as diferentes variáveis que interferem significativamente, no contexto comunicativo de crianças com Transtornos do Espectro Autístico.

Palavras-chave: transtorno do espectro autístico; linguagem; contexto ambiental; pragmática; terapia de linguagem.

Summary

Misquiatti ARN. *The Interference of the Environmental Context in Functional Communication Performance of Children with Disorders of the Autistic Spectrum [thesis]*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; 2006. 137 p.

Studies about language disorders, in individuals with autistic manifestations, have shown that the central alteration is in the language functional use. In that way, the pragmatic theories seem to present the best subsidies for the identification of language alterations, as well as they facilitate the elaboration of intervention proposals, allowing the comprehensive understanding of the impaired aspects. That perspective prioritizes the linguistic and non-linguistic aspects, the context in that the speaker is inserted and the language functional use, favoring the correlation between language and the cognitive and social development, the communicative competence. The determination of more efficient contexts and therapeutic strategies of language therapy with children with disorders of the autistic spectrum still represent an important gap of the international literature. The present research has as objective to analyze and to compare the interference of the environmental context, in the functional communication performance, in two different language therapy environments: a common therapy room and another room with specific material and furniture (denominated "NIC") on the speech therapy process pattern. Ten children and adolescents with diagnosis included in the autistic spectrum participated in this research, six of male and four of feminine gender, with ages varying between 4 and 13 years of age. In the data collection, we used a video camera, to record 30 minutes of the individual language therapy sessions, the pragmatic protocols and the social-cognitive acting for the data analysis. The recording sessions were accomplished in a month period, 8 recordings moments. Each subject was recorded four times, in the common room, and four times, in NIC, interspersed. The results show that there was not a significant statistical difference between the functional communication profile and the social-cognitive aspects, in the 10 subjects studied either in the common room or in NIC. However, it is possible to identify a larger number of significant statistical correlations, in NIC, related to the social-cognitive performance, suggesting that the environmental context of that room interferes positively in that aspect. The obtained data allow us to verify also similarities and differences among the subjects, confirming the existence of great individual variations, a characteristic of this population. Thus, it can be concluded that the environmental context doesn't interfere significantly in the functional communication performance of the individuals with disorders of the autistic spectrum, although we can propose the hypothesis that the difference in the performance would be related to the speaker and to the individual variations. From this research, it is evident the need of new studies in the area. So that we can determine which are the different variables that interfere significantly, on communicative context of children with disorders of the autistic spectrum.

Key words: the disorders of the autistic spectrum; language; environmental context; pragmatic; language therapy.

Introdução

1. INTRODUÇÃO

A atuação do fonoaudiólogo nos Transtornos do Espectro Autístico (T.E.A.) é inquestionável, visto que a linguagem representa uma das principais alterações desses quadros clínicos. O papel do fonoaudiólogo em equipes multidisciplinares que atendem a essa população é imprescindível, uma vez que cabe a ele realizar o diagnóstico das alterações de linguagem e propiciar a intervenção.

Estudos voltados para as alterações da linguagem em indivíduos com quadros autísticos têm demonstrado que a alteração central está no uso funcional da linguagem.

Partindo deste pressuposto, as teorias pragmáticas parecem apresentar os melhores subsídios para a identificação das alterações da linguagem, bem como possibilitam a elaboração de propostas de intervenção, permitindo a compreensão mais aprofundada dos aspectos alterados. Esta perspectiva prioriza os aspectos lingüísticos e não lingüísticos, o contexto em que o interlocutor está inserido e o uso funcional da linguagem, permitindo a correlação entre linguagem e o desenvolvimento cognitivo e social, ou seja, a competência comunicativa.

Estudos relacionados ao diagnóstico, métodos de avaliação, modelos de intervenção e investigação da linguagem nos distúrbios psiquiátricos da infância, mais especificamente nos quadros autísticos, vêm sendo realizados em diversos centros de pesquisa. No entanto,

estudos relacionados ao contexto terapêutico fonoaudiológico ainda são escassos.

A partir da experiência clínica e acadêmica de atendimento nas áreas de diagnóstico e intervenção com crianças autistas ou com diagnósticos que fazem parte do Espectro Autístico, surgiu o interesse em pesquisar como estas crianças usam a linguagem em determinados contextos ambientais.

O presente estudo procurou verificar a relação entre o uso funcional da linguagem e o contexto ambiental. Neste estudo, o contexto ambiental proposto implica no espaço ou sala de atendimento fonoaudiológico, onde as crianças e os adolescentes são atendidos semanalmente.

Usualmente a terapia de linguagem é realizada em uma sala cujo mobiliário é composto por mesa, cadeira, espelho e colchonete. O terapeuta propõe atividades lúdicas, conversa espontânea e dirigida, para estabelecer a interação e atingir um objetivo. Esta sala será denominada neste estudo de sala comum.

Para a realização desta pesquisa foi criada uma sala com ambientação específica, a partir de um Projeto de Extensão Universitária, denominada NIC - Núcleo de Interação da Criança. A sala NIC é baseada na réplica de cenários familiares à criança, é uma sala mais ampla que a sala comum, e é composta de móveis e utensílios, projetados para reproduzir situações de vida diária da criança.

JUSTIFICATIVA

Acredita-se que um contexto ambiental mais próximo do cotidiano da criança favoreça maiores possibilidades comunicativas, maior familiaridade e conseqüentemente, mais segurança por parte da criança, permitindo maior interação entre terapeuta e paciente, fundamental para o desenvolvimento da linguagem.

A determinação de contextos e estratégias terapêuticas mais eficientes para o atendimento a crianças com transtornos do espectro autístico ainda representa uma importante lacuna da literatura internacional.

HIPÓTESE

Crianças com transtornos do espectro autístico apresentarão melhor desempenho comunicativo num ambiente estruturado, funcional e familiar à criança, do que numa sala convencional de terapia fonoaudiológica.

OBJETIVO GERAL

Baseada numa perspectiva pragmática, a presente pesquisa tem como objetivo analisar a interferência do contexto ambiental no perfil

funcional da comunicação e no desempenho sócio-cognitivo de crianças e adolescentes com Transtornos do Espectro Autístico, num recorte do processo terapêutico fonoaudiológico.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Comparar o perfil funcional da comunicação de crianças e adolescentes com transtornos do espectro autístico em dois ambientes diferentes de terapia de linguagem: uma sala comum de terapia e outra com ambientação específica, por meio da análise do número de atos comunicativos produzidos por minuto, espaço comunicativo ocupado pelos sujeitos, uso dos diferentes meios comunicativos (verbal-vocal-gestual) e funções comunicativas expressadas (mais e menos interpessoais).
- Comparar o desempenho sócio-cognitivo nas áreas de intenção comunicativa gestual, intenção comunicativa vocal, uso de objeto mediador, imitação gestual, imitação vocal, jogo combinatório e jogo simbólico de crianças e adolescentes com transtornos do espectro autístico, em dois ambientes diferentes de terapia de linguagem: uma sala comum de terapia e outra com ambientação específica.

Revisão de Literatura

2. REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo pretende-se abordar de forma sucinta a compreensão acerca do espectro autístico e suas principais manifestações, envolvendo alterações nas áreas de linguagem, cognição e interação social. Para facilitar o percurso e compreensão deste trabalho serão apresentados a terapia de linguagem nos Transtornos do Espectro Autístico, o contexto ambiental e os aspectos pragmáticos que nortearam o presente estudo.

2.1. *O Espectro Autístico*

O autismo infantil é primeiramente descrito por Kanner (1943) em um estudo com um pequeno grupo de crianças com prejuízos importantes no comportamento social e na comunicação. Em 1944, Asperger identifica pacientes que apresentam sintomas semelhantes, entretanto o autor não considerou a presença de alterações relevantes na linguagem ou no desenvolvimento cognitivo e apontou déficits nas habilidades motoras. Os trabalhos de Leo Kanner e Hans Asperger tornam-se fundamentais para os estudos acerca do autismo infantil nas últimas décadas.

Kanner (1956) prossegue seus estudos considerando o autismo infantil como uma síndrome bem definida e distinta da esquizofrenia infantil, com o grau de isolamento sendo de suma importância para a definição do prognóstico. No entanto ainda refere-se ao autismo como uma psicose e ressalta a necessidade de estudos para a compreensão do quadro.

As características comuns entre as descrições de Kanner (1943) e Asperger (1944), são ressaltadas por Wing (1981). Essas características constituem uma tríade de déficits na reciprocidade social, comunicação, interesses e comportamentos repetitivos, cada um podendo ocorrer em um nível diferente de severidade, constituindo assim um *continuum* autístico (Wing, 1981).

Bishop (1989) propõe um modelo bidimensional para explicar o continuum autístico, com um eixo para linguagem e outro para interesses e relações sociais (Figura 1), ressaltando a dificuldade no reconhecimento das manifestações, devido à sua subjetividade e semelhanças.

Desta forma, a autora sugere que a síndrome de Asperger apresenta menores dificuldades de linguagem e maiores dificuldades de relações sociais. Na síndrome semântico-pragmática o desenvolvimento de linguagem é visivelmente atrasado e com problemas de compreensão evidentes, sendo a comunicação mais afetada. Já o autismo apresenta maiores dificuldades de linguagem, interesses e relações sociais.

Figura 1 - Modelo Bidimensional (adaptado de Bishop, 1989)

Em 1990, Gilberg descreve o autismo como uma síndrome comportamental de etiologias múltiplas que caracteriza-se por déficit na interação social, freqüentemente associado a déficits de linguagem e alterações de comportamento.

Outros autores (Wetherby e Prizant, 2001; Lord e Risi, 2001) consideram a noção de espectro autístico como sinônimo dos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento. O termo Transtorno Invasivo do Desenvolvimento (CID-10, 1993; DSM IV–APA, 2000) também foi traduzido como Transtorno Global do Desenvolvimento (APA, 2002), de acordo com a tradução do termo Pervasive Developmental Disorder (PDD) (Fernandes, 2003a; Perissinoto, 2003). A noção de Transtorno do

Espectro Autístico engloba o transtorno autista, transtorno de Rett, transtorno desintegrativo da infância, transtorno de Asperger e transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação. (DSM-IV-TR -APA, 2002; Kalra et al., 2005).

Os manuais de diagnóstico CID-10 (OMS, 1993) e DSM-IV-TR (APA, 2002) apresentam uma descrição dos Transtornos do Espectro Autístico que inclui déficits na comunicação, na interação social e interesses e comportamentos estereotipados.

Lord e Risi (2001), propõem um esquema em que o autismo é o distúrbio central e os demais quadros encontram-se ao redor dele, indicando graus de severidade e sintomas menos intensos e abrangentes (Figura 2).

Figura 2 - Relações dentro do Espectro Autístico (adaptado de Lord e Risi, 2001)

Salle et al. (2002) relatam que indivíduos do espectro autista não apresentam exatamente o mesmo quadro, em função das diferenças individuais ou evolução dos sintomas com o tempo. Concluem que, no entanto, a tríade se apresenta comum na maior parte dos indivíduos.

Fernandes (2002) ressalta que uma das características da população incluída no espectro autístico seria a presença de grandes variações individuais.

Para Rapin e Dunn (2003) o termo Espectro Autístico abrange de forma mais completa os subtipos existentes, descritos como Transtornos Invasivos do Desenvolvimento e Distúrbios Globais do Desenvolvimento, pela CID-10 (OMS, 1993) e pelo DSM-IV (APA, 1994).

O termo Espectro Autístico tem sido aceito e utilizado na prática clínica e engloba os quadros de autismo leve, de alto e baixo funcionamento, traços autísticos, autismo clássico e a Síndrome de Asperger (Perissinoto, 2004).

Neste estudo pretende-se adotar o termo Transtorno do Espectro Autístico considerando as descrições referidas por Lord e Risi (2001).

Pesquisas relacionando o comprometimento entre o desenvolvimento de linguagem, da interação social e o desenvolvimento cognitivo em indivíduos autistas têm sido descritas por diversos autores.

Rutter (1983) discute a possibilidade de as anormalidades sociais observadas no quadro de autismo terem sua origem em algum tipo de déficit cognitivo. Para este autor o autismo apresentaria uma

difficuldade na compreensão do significado emocional ou social dos estímulos e não no processamento de estímulos sensoriais.

Uma teoria cognitiva para o autismo é proposta por Baron-Cohen et al. (1985). O ponto principal desta proposta é que a dificuldade central da criança autista encontra-se na chamada Teoria da Mente, que é a habilidade para compreender estados mentais de outras pessoas. Assumpção (1995) ressalta que no autismo a capacidade de meta-representação encontra-se alterada, alterando assim os padrões de interação social.

Araújo (2000) comenta a presença de um déficit na teoria da mente, porém refere que este não é o único déficit cognitivo no autismo. Ressalta que nos últimos anos pesquisadores têm apontando também alterações na função executiva e na coerência central em pessoas com autismo.

A função executiva diz respeito ao mecanismo que permite que a pessoa mude o foco de atenção com flexibilidade, execute ações dirigidas para um objetivo e resolva problemas de modo planejado. As falhas se evidenciam no modo rígido, inflexível, perseverante e impulsivo do indivíduo autista (Ozonoff, 1997; Baron-Cohen e Swettenham, 1997).

A dificuldade com coerência central seria outro déficit cognitivo do autismo e estaria relacionado à dificuldade de integrar as informações levando em conta o contexto, a idéia central, a *gestalt* e o significado (Frith, 1989; Baron-Cohen e Swettenham, 1997).

Outra área de interesse tem sido a que se refere aos aspectos da atenção. Loveland e Landry (1986) ressaltam que crianças autistas apresentam dificuldades quanto à atenção compartilhada, mesmo em situações em que não há necessidade de uso ou compreensão de linguagem oral. Esses déficits de atenção compartilhada têm sido relacionados ao desenvolvimento anormal do comportamento social, linguagem, imitação e habilidades de jogo desta população (Rollins et al., 1998; Whalen e Schreibman, 2003). Em outro estudo, Rogers et al. (2003) referem que a habilidade de atenção conjunta encontra-se significativamente pior em crianças autistas, quando comparadas com crianças com a síndrome do X Frágil, com outras desordens do desenvolvimento e com crianças em desenvolvimento normal.

Pesquisadores têm estudado a inter-relação entre linguagem e cognição em indivíduos autistas.

Fernandes, Molini e Barrichelo (1997) ressaltam que o uso funcional da comunicação e os aspectos sócio-cognitivos têm seus desenvolvimentos interligados.

Perissinoto (2003) afirma que o entendimento da retroalimentação entre linguagem e as habilidades cognitivas e sociais possibilita uma visão dinâmica do tripé das áreas social, de comunicação e interesses.

Para esta autora, em alguns casos as alterações de linguagem desencadeiam desordens cognitivas e/ou sociais, e em outros as desordens cognitivas e/ou sociais levam a alterações de linguagem e

muitas vezes os “transtornos cognitivo-sociais da linguagem” são aspectos de um mesmo problema (Perissinoto, 2004 p.934).

Molini (2001) analisa os aspectos sócio-cognitivos de intenção comunicativa gestual e vocal, uso de objeto mediador, imitação gestual e vocal, jogo combinatório e simbólico, durante terapia fonoaudiológica de crianças com distúrbios psiquiátricos. A autora observou que os melhores desempenhos de cada um dos sujeitos foram identificados, porém observou-se que eles variam dentro de uma mesma patologia, sugerindo que o grupo de crianças autistas não é um grupo homogêneo. Conclui que as crianças com distúrbios globais do desenvolvimento têm uma compreensão de como o mundo funciona, porém não têm a capacidade de compartilhar seus conhecimentos e que estas crianças têm intenção comunicativa, contrariando o estereótipo de que crianças autistas não se comunicam.

Em outro trabalho Molini-Avejonas (2004) investiga e compara o perfil funcional da comunicação de crianças autistas, com síndrome de Down e normais pareados de acordo com os aspectos sócio-cognitivos. Dos oito aspectos analisados, o grupo de crianças autistas apresentou o pior desempenho em 5 aspectos e o menor número de correlações estatisticamente significativas entre os aspectos sócio-cognitivos e o perfil funcional da comunicação. Além disso, foi possível identificar características individuais de cada grupo de crianças, apontando as crianças com autismo com dificuldade de interação, as com síndrome de Down com grande habilidade nas interações sociais e as crianças normais

com desenvolvimento esperado para a idade nas habilidades sociais, cognitivas e lingüísticas.

Ribeiro (2004) investiga as relações entre o desenvolvimento do jogo simbólico e o desenvolvimento da linguagem de crianças normais e com transtornos do espectro autístico e observa que tais relações acontecem de maneira diferente no grupo de crianças autistas. Conclui que as dificuldades de comunicação observadas nas crianças autistas estão relacionadas à funcionalidade da comunicação e aos aspectos subjacentes a ela: cognição e socialização e não apenas relacionadas ao processo de aquisição. Ressalta ainda que os déficits de socialização presentes nestas crianças estabelecem relações com o desenvolvimento e a aquisição do jogo simbólico.

O déficit na interação social é apontado como primário por alguns pesquisadores.

Estudiosos referem que o comprometimento básico no autismo é do desenvolvimento social, que envolve aspectos como o relacionamento com pessoas, necessidades sociais básicas, compreensão e expressão afetiva, contexto pessoal e cultural (Volkmar et al., 1993; Volkmar e Klin, 1993).

Desta forma, o problema central do autismo seria uma grave perturbação da capacidade de participar da interação social. Neste sentido, o problema não seria a ausência do desejo de interagir e comunicar-se, e, sim, a ausência da habilidade de fazê-lo. Para lidar com

tal incapacidade o autista refugia-se em seu mundo com medo, agarra-se a objetos e cria rotinas e regras (Wing, 1997c).

Entretanto, as desordens sociais e cognitivas somente, não explicam os déficits de linguagem no autismo (Rapin e Dunn, 2003).

2.2. Linguagem

As dificuldades de linguagem no autismo estão presentes desde as primeiras descrições. A maioria dos estudos a respeito da linguagem de crianças autistas, até o final da década de 1970, incluíam os aspectos formais da comunicação, ou seja, questões como o número de palavras emitidas, o tipo de estrutura frasal utilizado e suas habilidades articulatórias (Fernandes, 2003a).

A descrição das principais alterações de linguagem em crianças autistas envolvia basicamente: ecolalia, inversão pronominal, dificuldades com uso funcional da linguagem, com uso de termos perseverativos e estereotipados e o mutismo (Tager-Flusberg, 1981).

Prizant (1983) sugere que os distúrbios de linguagem do autismo são mais evidentes em níveis semânticos e pragmáticos, sendo as habilidades fonológicas e sintáticas algumas vezes atrasadas, porém relativamente intactas.

De acordo com Wetherby e Prutting (1984), uma das diferenças significativas entre o desenvolvimento de linguagem das crianças autistas e o das crianças normais, refere-se ao fato de que nestas últimas

observa-se o decréscimo da utilização de funções não interativas com o desenvolvimento do uso interacional da comunicação, enquanto nas crianças autistas a comunicação funcional vai somando-se à não-funcional.

Neste sentido, Bishop (1989) aponta as alterações de linguagem como o problema central de crianças autistas e identifica as alterações pragmáticas, como principais dentro do espectro.

Ainda que essas crianças apresentem fala estruturada, permanece a inabilidade de iniciar e manter diálogo, comprometendo profundamente a competência comunicativa mesmo em autistas de alto funcionamento (Perissinoto, 1995).

Wing (1997b) comenta que o uso e a compreensão da linguagem no contexto social, sempre estão alterados no *continuum* autístico. Para a autora os aspectos formais da língua também estão alterados na maioria dos casos.

As pesquisas têm apontado o uso funcional da comunicação como aspecto central das alterações de linguagem, associadas aos distúrbios psiquiátricos da infância. Dessa maneira, as perspectivas pragmáticas em psicolinguística oferecem subsídios para a consideração dos aspectos funcionais, dos distúrbios da comunicação e de suas correlações com outros aspectos do desenvolvimento da criança (Fernandes, 2000).

Fernandes (2002) realiza um importante estudo a fim de investigar as correlações entre o perfil funcional da comunicação, o

desempenho sócio-cognitivo e o vocabulário de 20 crianças com diagnósticos incluídos no espectro autístico. A autora conclui que o estudo possibilita a correlação dos aspectos investigados na análise individual dos sujeitos e, no grupo, os resultados mostram uma grande dispersão, evidenciando as grandes variações individuais, características desta população.

Segundo Perissinoto (2003), indivíduos do espectro autístico apresentam inabilidade na estruturação e interpretação de narrativas. Para a autora, as características da linguagem desses indivíduos variam de acordo com a fase do desenvolvimento e a situação. A limitação persistente da comunicação reflete a correlação entre falhas de interação, cognitivas, sociais e de linguagem.

Os desvios na aquisição de linguagem de indivíduos autistas podem variar de uma ausência de comunicação funcional a um conhecimento lingüístico adequado, mas com inabilidades no uso desse conhecimento para conversação ou para outro contexto do discurso (Perissinoto, 2004).

Befi-Lopes et al. (2004), ao verificar o desempenho lexical de 10 crianças autistas por meio de uma prova de vocabulário, utilizando figuras e miniaturas, observam que os sujeitos apresentam desempenho abaixo do esperado na prova de verificação do vocabulário e melhor desempenho na utilização de figuras.

2.2.1. Terapia de Linguagem e Pragmática

Pesquisas sobre as alterações de linguagem em indivíduos autistas têm apontado a funcionalidade da linguagem, como questão fundamental para a compreensão e intervenção nesses casos.

Estudos a respeito da comunicação de crianças autistas que fazem referência às questões relativas ao uso comunicativo da linguagem utilizam parâmetros baseados na teoria pragmática (Fernandes, 1996).

Alguns autores destacam-se nos estudos da pragmática, por sua importante contribuição teórica (Austin, 1962; Grice, 1967; Searle, 1969 e Bates, 1976).

A teoria dos atos de fala é inicialmente proposta e empregada por Austin (1962). Para o autor, uma teoria sobre a linguagem é sempre orientada pela consideração desta a partir do seu uso, ou seja, da linguagem como forma de ação.

Grice (1967) propõe o princípio da cooperação, que leva em conta a “contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que se está engajado” (Grice, 1967 p.86). O autor aponta quatro categorias conversacionais para o princípio de cooperação: Quantidade, Qualidade, Relação e Modo. A categoria da Quantidade está relacionada com a quantidade de informação a ser fornecida; a Qualidade diz respeito à veracidade da informação; a categoria da Relação refere-se à

relevância do assunto e a de Modo está relacionado à clareza da informação.

Searle (1969) afirma que o ato de fala é a unidade básica da comunicação lingüística, que envolve atos lingüísticos. O pressuposto de Searle acerca da linguagem é de que falar uma língua é executar atos de fala, atos como: afirmar, ordenar, perguntar, prometer e, num sentido mais abstrato, atos como: referir e predicar, que em geral são possíveis graças a certas regras para o uso de elementos lingüísticos.

As investigações de Halliday (1975), a partir de uma perspectiva funcionalista, têm uma importante contribuição para os estudos da aquisição de linguagem infantil. Para explicar o aparecimento da linguagem na criança o autor analisa as emissões (vocalizações articuladas e não-articuladas) de uma criança a partir do momento em que elas são significadas pelo adulto, levantando seis tipos de funções para aquelas emissões observadas: função instrumental, regulatória, interacional, pessoal, heurística, imaginativa e informativa. Refere, ainda, que a aquisição de linguagem é um processo sócio-semiótico, pois todo sistema social é um sistema de significações, sendo a linguagem derivada desse sistema.

Apoiada pelos estudos anteriores, Bates (1976) se destaca nos estudos das teorias pragmáticas e do desenvolvimento da linguagem infantil. Ela comenta que a partir das teorias lingüísticas, a pragmática é definida como o estudo do uso da linguagem, incluindo a relação entre linguagem e contexto. Para a autora “uma importante razão para o estudo

da pragmática na linguagem da criança é que ela ocupa a interface entre o desenvolvimento lingüístico, cognitivo e social” (Bates, 1976 p.3).

Ao considerar a interface entre os aspectos lingüístico, cognitivo e social, Bates (1979) propõe a noção de heterocronia para explicar a evolução da habilidade para simbolizar. Para ela, qualquer modificação que aconteça durante o processo de desenvolvimento em um dos aspectos lingüístico, cognitivo e social, acarreta uma reorganização dos mesmos, dando assim continuidade ao processo de desenvolvimento.

Craig (1997) afirma que a perspectiva pragmática é uma das linhas de pesquisa mais atuais para o estudo dos Distúrbios da linguagem infantil.

Nas últimas duas décadas dois aspectos importantes têm emergido na avaliação pragmática: a lingüística e o aspecto social/cognitivo (Adams, 2002). Para este autor, a análise dos atos de fala tem sido empregada na avaliação pragmática com crianças mais velhas, a fim de se estabelecer um perfil do uso das funções comunicativas da criança em termos de variedade e para indicar como os atos são usados em contextos específicos.

Quando ocorre uma dificuldade com o uso da linguagem para transmitir e para entender os significados intencionais, ou seja, uma falha em relacionar a linguagem e o contexto, é proposto o termo desordem pragmática (Volden e Lord, 1991).

Wetherby e Prutting, (1984) ao investigar o perfil comunicativo de um pequeno grupo de crianças autistas, identificam 15 funções

comunicativas, que foram divididas em interativas – (quando a criança se dirige ao adulto aguardando uma resposta dele com o intuito de solicitar um objeto ou uma ação, de protestar, obter a atenção do adulto para si e outras) e não-interativas – (quando a criança apresenta comportamentos não dirigidos ao adulto, não aguardando a resposta dele).

Em um estudo com crianças autistas Stone e Caro-Martinez (1990) afirmam que a comunicação espontânea é uma ocorrência rara. Para as autoras, as primeiras funções a emergir são aquelas usadas para regular o comportamento do outro e para obter um fim no ambiente (por exemplo, funções de protesto, pedido de ação e de objeto). Em um outro momento, o objetivo comunicativo é atrair ou manter a atenção para si mesmo (funções de pedido de rotina social, saudação e exibição). Finalmente, as últimas funções a aparecer são as usadas para direcionar a atenção do outro para um objeto ou evento com fim social (funções de comentário e pedido de informação).

Fernandes (1995, 1996, 2000) propõe uma forma de análise funcional da linguagem, a partir de uma perspectiva pragmática. Esta análise inclui uma série de vinte funções comunicativas e identifica o número de atos comunicativos expressos por minuto e o meio comunicativo utilizado (verbal, vocal e gestual). Estas funções são divididas em Mais interativas (pedido de objeto, pedido de ação, pedido de rotina social, pedido de consentimento, pedido de informação, protesto, reconhecimento do outro, comentários, nomeação, exclamativa, narrativa, jogo compartilhado, expressão de protesto e exibição) e Menos

interativas (auto-regulatória, performativa, reativas, não focalizada, jogo e exploratória) (Fernandes, 2002).

Esta divisão corresponde às funções interpessoais e não interpessoais divididas por Wetherby e Prutting (1984). Para as autoras as funções interpessoais são aquelas em que existe uma intenção comunicativa, a participação do outro no ato comunicativo enquanto as funções não interpessoais têm a função de regular as próprias ações e incluem os atos não focalizados.

Nessa perspectiva, o estudo da linguagem deve incluir a relação entre linguagem e os contextos lingüísticos e não-lingüísticos e os fatores ambientais e sociais (Ochs Keenan, Schieffelin, 1983; Fernandes, 1996; Fernandes, 1998).

Pesquisas sobre o uso funcional da linguagem em crianças com desenvolvimento normal e com outros distúrbios têm gerado resultados interessantes.

Rodrigues (2002) realiza um estudo com 75 crianças, normais e com alteração específica de linguagem entre 2 a 4 anos e 11 meses de idade, com o objetivo de verificar as habilidades semânticas e pragmáticas. A autora conclui que, em todas as crianças estudadas a média do uso de funções mais interativas foi maior que a média de funções menos interativas. As crianças normais apresentam uso predominante do meio comunicativo verbal e as crianças com alterações usam preferencialmente gestos e vocalizações. Quanto aos atos comunicativos, as crianças normais apresentam uma média de 5,52 atos

comunicativos por minuto aos dois anos, 5,70 aos três anos e 7,16 aos quatro anos. As crianças com alteração de linguagem apresentam diferenças significativas, quando comparadas com crianças normais, realizando um número menor de atos comunicativos por minuto.

Rocha (2004) verifica as habilidades pragmáticas relacionadas ao tópico do discurso e as trocas de turno entre crianças com Distúrbio específico de linguagem (DEL) e crianças em desenvolvimento normal de linguagem. Os resultados revelam diferenças significativas entre os grupos, principalmente em relação às trocas de turno. As crianças com DEL se comportam de maneira menos eficiente com seus pares, efetuam mais iniciativas, porém de maneira menos elaborada e apresentam mais respostas inadequadas quando comparado ao grupo controle. Já em relação ao tópico do discurso os dois grupos apresentam desempenho semelhante.

Cervone (2005) analisa o perfil comunicativo de crianças normais de 4 e 5 anos de idade na interação com o adulto em situação de brincadeira livre e conclui que essas crianças apresentam o número de atos comunicativos superior ao do adulto. Ressalta que as crianças usaram predominantemente o meio verbal seguido do gestual e vocal e a função Comentário foi a função comunicativa mais utilizada nessa população.

Os estudos sobre linguagem de crianças autistas baseados nas perspectivas pragmáticas têm comparado diferentes populações.

Wetherby et al. (1989) comparam o perfil comunicativo de crianças com desenvolvimento normal e crianças com síndrome de Down, autistas e com distúrbio específico do desenvolvimento num estudo longitudinal, a fim de analisar o desenvolvimento da comunicação intencional destas crianças. As autoras concluem que a proporção de funções comunicativas usadas por uma criança fornece parâmetros de seu nível de desenvolvimento comunicativo, assim um número reduzido de funções ou um padrão diferente do encontrado em crianças normais, pode indicar algum distúrbio de comunicação.

Watson (1998) analisa o uso de linguagem de mães de crianças pré-escolares com autismo relacionado ao foco de atenção da criança. Os resultados revelam que as mães de crianças com autismo direcionam verbalizações a algo dentro do foco de atenção da criança, tão freqüentemente quanto às mães de crianças com desenvolvimento normal. No entanto, as mães de crianças autistas direcionam verbalizações de algo não contido no foco de atenção da criança mais freqüentemente, do que as mães de crianças normais. Possivelmente esta atitude pode refletir a tentativa de adaptação das mães frente às dificuldades de atenção e interação de seus filhos.

Amato (2000) pesquisa crianças do espectro autístico e bebês normais, com o objetivo de estudar o processo de comunicação pré-verbal nestas crianças, em um contexto interacional. Para a autora, a utilização dos princípios teóricos da pragmática, considerando os elementos contextuais, lingüísticos ou não, como essenciais ao processo

comunicativo, permite a observação das possibilidades comunicativas dessas crianças.

Ruble (2001) analisa a complexidade das interações sociais de 8 meninos com autismo e 8 com síndrome de Down com idades entre 6 e 10 anos, durante atividade estruturada (jantar) e não-estruturada (hora livre). A análise revela contextos sociais similares entre os grupos. Comportamentos socialmente intencionais foram menos freqüentes, menos auto-iniciados e menos complexos em crianças com autismo.

Bartak et al. (2004) realizam um estudo para comparar as habilidades pragmáticas de 21 crianças normais da escola primária e 7 crianças de idade similar com síndrome de Asperger. Foi utilizado um modelo teórico de competência comunicativa, envolvendo jogo e discussão ao redor dos brinquedos. Os autores concluem que as crianças normais apresentam desenvolvimento das habilidades pragmáticas relacionado à idade, na série de atividades propostas e as crianças com a síndrome de Asperger apresentam déficits em várias áreas, que incluem manutenção apropriada e mudança de tópico durante discussão e capacidade para iniciar e responder adequadamente a um jogo baseado no contexto conversacional.

Cardoso e Fernandes (2006) analisam a relação entre o perfil funcional da comunicação e os aspectos sócio-cognitivos em adolescentes do espectro autístico e constataam que existe uma relação na evolução destes dois aspectos e que as mudanças nos desempenhos podem ser consideradas interligadas, mas não lineares.

Para Fernandes (2002) a linguagem não pode se desenvolver separadamente dos aspectos orgânicos, emocionais, cognitivos e sociais e se ela só tem significado em relação ao contexto em que se manifesta, qualquer investigação ou intervenção terapêutica de linguagem necessita considerar estes elementos. Ressalta que, no final dos anos 90, os estudos de problemas de comunicação no autismo passam a dar maior ênfase à pragmática, ou seja, ao uso funcional da comunicação dentro de um contexto social. Nesse sentido, Adams (2002), refere que a principal influência na amostra de linguagem pragmática informal é o contexto.

2.2.2. Contexto

Diversos autores que se baseiam numa perspectiva pragmática apontam a importância do contexto para a comunicação (Austin, 1962; Grice, 1967; Searle, 1969; Bates, 1976; Ochs Keenan, Schieffelin, 1983; Fernandes, 1996).

Keller–Cohen (1978) identifica aspectos distintos do contexto que são relevantes para o uso da linguagem. Entre eles o contexto social, que engloba diversos subcomponentes: o ambiente, que diz respeito ao lugar (p.ex: em casa, na escola); a relação entre o falante e o interlocutor, que implica nas diferentes díades, (p.ex: mãe-filho, aluno-professor); e as regras interacionais, que regem a conversação.

Segundo Yont et al. (2003) o contexto é um fenômeno social, implica na formalidade da situação, no objetivo da interação e na

interação entre pessoas, refere-se a fatos específicos sobre a estrutura da linguagem, uso e aquisição.

Geralmente o contexto é definido como uma série de aspectos que contribuem para reconstruir o significado pretendido pelo falante em uma troca comunicativa (Bosco et al. 2004). Esses autores referem que vários aspectos são considerados na definição de contexto, com níveis diferentes de importância, variando conforme a situação específica. O contexto é determinado pelas características do ambiente físico, do mundo social e do mundo psicológico. Quanto ao aspecto psicológico, as categorias de contexto mais importantes referem-se às convicções e às motivações de cada participante e à atribuição dada a elas. O aspecto físico foi dividido pelos autores em: Acesso (acesso ao objeto físico), Espaço (distância de espaço entre os agentes e objetos do mundo físico ao qual o ato comunicativo se refere) e Tempo (sucessão temporal dos eventos aos quais o ato comunicativo recorre). O aspecto social diz respeito ao Discurso (as informações transmitidas através do discurso antes do ato comunicativo ser executado), ao Movimento (os movimentos executados pelos interlocutores) e a Posição (a posição social dos interlocutores).

Sbisá (2002) discute as teorias dos atos de fala no contexto, inspirada nas concepções de Austin, Searle e outros autores. Ela conclui que os contextos estão mudando continuamente, não só porque ações não-verbais ou eventos fazem circunstâncias atuais mudar, mas também porque os atos de fala provocam mudanças nas características

convencionais do contexto social. Desta forma, uma concepção de contexto permite-nos descrever os atos de fala como ações sociais de contextos variáveis.

2.2.2.1. Pesquisas

Algumas pesquisas têm ressaltado a importância do contexto no desenvolvimento de crianças normais.

Kyratziz e Ervin-Tripp (1999), estudaram crianças entre quatro e sete anos de idade e concluíram que elas podem variar o uso da fala de seu discurso de acordo com o contexto, demonstrando o aumento no controle da dimensão pragmática da narrativa.

Yont et al. (2003) realizaram um estudo com 25 crianças de 12 meses de idade (12 meninos e 13 meninas) e suas respectivas mães. Compararam a interação entre mãe e criança em dois contextos diferentes, de brincadeira livre e de leitura de livro, com o objetivo de analisar se o contexto gera diferenças na comunicação entre esses pares. Os resultados deste estudo mostram que o contexto influencia significativamente no uso da linguagem, vocabulário, e sintaxe, e que a situação de brincadeira favorece a interação e a torna mais rica, enquanto a situação de leitura de livro favorece o jogo compartilhado.

Ryckebusch e Marcos (2004) estudaram dois aspectos do contexto interacional: a característica conversacional da criança e seu par (pai ou mãe) e o tipo de jogo, em situações de filmagem com crianças

entre um ano e cinco meses a dois anos e três meses de idade. Os resultados mostraram que, para as crianças de um ano e cinco meses de idade o gênero paterno teve um efeito significativo nos pedidos de ação, pedido de informação e pedidos de atenção e dos atos de fala assertivos. O tipo de jogo começou a ter impacto aos 22 meses de idade, envolvendo o pedido de ação e os atos expressivos (mais freqüentes na construção de objeto), como também os pedidos de informação (mais freqüentes em jogo livre). Para as crianças de dois anos e três meses de idade, os pedidos de ação eram mais freqüentes quando a criança estava realizando jogos de construção com o seu pai.

Bosco et al. (2004) investigaram diferentes categorias de contexto: acesso, espaço, tempo, discurso, movimento e posição, de um grupo de crianças entre três e sete anos de idade. Observaram que diferentes contextos, pertencentes ou não a uma mesma categoria, afetam diferentemente a interpretação da expressão vocal do interlocutor.

Estudos relacionados ao contexto com crianças autistas também têm sido destacados na literatura.

Wetherby e Prutting (1984) analisaram o perfil comunicativo e as habilidades cognitivo-sociais de um pequeno grupo de crianças autistas, entre seis e doze anos de idade, em dois contextos diferentes (não-estruturado e estruturado). As autoras concluíram que as crianças autistas demonstram uma falta de habilidade para atrair ou dirigir a atenção do adulto para si ou para o objeto e que elas parecem inicialmente adquirir

uma comunicação intencional apenas voltada para obter algo do meio ambiente.

Wing (1997a) comenta que crianças autistas respondem a detalhes específicos, mas ignoram o contexto geral. Para a autora, esta habilidade pode facilitar tarefas como: armar quebra-cabeças, procurar formas escondidas em figura ou repetir seqüências de sílabas sem sentido, no entanto dificultam a compreensão de uma longa história ou uma situação social complexa.

Algumas pesquisas ressaltam a importância da criação de ambientes "terapêuticos", para facilitar e promover a interação social de crianças autistas (McConnell, 2002).

Cardoso e Fernandes (2003b) observaram um aumento gradativo no uso das funções interpessoais e a conseqüente diminuição das funções não interpessoais, com crianças do espectro autístico em diferentes contextos comunicativos.

Em outro trabalho, Cardoso e Fernandes (2004) analisaram o uso funcional da linguagem e identificaram o perfil comunicativo de crianças do espectro autístico institucionalizadas, num período de 12 meses, em duas situações comunicativas, em grupo com coordenação e em grupo sem coordenação. As autoras observaram mudanças significativas no perfil comunicativo dos sujeitos nas duas situações.

A importância e relevância do contexto físico, situacional e lingüístico para a efetividade do processo da comunicação de indivíduos com Transtorno do Espectro Autístico é ressaltada por Perissinoto (2003).

Para a autora indivíduos autistas desenvolvem-se melhor em contextos que sejam compreensivos e facilitadores de sua evolução e que possam moldar-se às suas limitações.

Em outro trabalho, Perissinoto (2004) relata que, para a compreensão de uma visão funcionalista da linguagem, deve-se levar em conta a noção de contexto, incluindo o ambiente físico em que a comunicação ocorre, as relações sociais e históricas entre os pares, os objetivos emocionais do ouvinte e a produção verbal dos interlocutores.

Bernard-Opitz et al. (2004) realizam um estudo com oito crianças autistas, que não tinham recebido qualquer intervenção, com o intuito de comparar intervenções comportamentais tradicionais e intervenções de jogo natural. As intervenções foram conduzidas por psicólogo e estudantes de psicologia. Os autores referem que há um diferencial nas duas condições de tratamento, indicando maior ganho para seis das oito crianças sob a condição comportamental. No entanto, concluem que intervenções comportamentais e de jogos, por 10 semanas, resultaram em mudanças positivas para todas as crianças e que ambos os procedimentos de intervenção propiciam melhoras no jogo, atenção, obediência e comunicação.

Cardoso (2004) observou que a inserção de sujeitos do espectro autístico em diferentes contextos comunicativos e em diferentes modelos de atendimento acarreta diferenças, tanto no perfil funcional da comunicação quanto no desempenho sócio-cognitivo, num período de 12 meses de terapia de linguagem individual.

Assim, considerar o contexto em suas diferentes dimensões é fundamental, ao estudar o uso funcional da linguagem de indivíduos do Espectro Autístico (Fernandes, 2002; Perissinoto, 2003; Cardoso, 2004).

2.2.2.2. *Terapia de Linguagem e Contexto*

Segundo Bishop (1989), as alterações de linguagem da criança autista são passíveis de remediação, porém a autora refere que treinos de fala não trarão modificações ao seu comportamento. Para a autora, a criança autista precisa aprender não apenas como falar, mas também como usar a linguagem socialmente para se comunicar.

Fernandes (1996) ressalta que propostas terapêuticas mais próximas às necessidades da criança autista foram baseadas em estudos sobre as dificuldades com o uso funcional da linguagem. Essas propostas baseadas na teoria pragmática valorizam a relação entre a cognição e linguagem e as diversas funções da linguagem em contextos diferentes.

A autora comenta que o terapeuta da linguagem não deve voltar sua atenção apenas às manifestações lingüísticas da comunicação no trabalho com crianças autistas, mas deve levar em conta todo o contexto comunicativo, ou seja, a interferência de elementos externos (ruídos, cheiros, estado emocional e físico da mãe), internos (postura física, mudanças de ambiente, estado emocional e físico da criança) e a história do paciente e do percurso terapêutico (Fernandes, 1996).

Para Rescorla e Goossens (1992) a manipulação física dos materiais e o contexto apresentado podem influenciar tanto na qualidade quanto na quantidade de jogos simbólicos exibidos pela criança. Para os autores, situações mais estruturadas parecem facilitar a produção de jogo simbólico. Ressaltam, ainda, que as crianças parecem preferir miniaturas, já que indicam qual esquema simbólico podem representar.

Pesquisas empíricas sobre intervenções para propiciar interações sociais de crianças autistas fornecem importante orientação para a prática, e muito acrescentam à compreensão das condições que afetam o desenvolvimento social dessas crianças (McConnell, 2002).

De acordo com Wetherby et al. (2001), a criação de contextos de atenção compartilhada, e de jogo compartilhado, durante a terapia de linguagem, amplia as experiências de eficácia comunicativa.

Molini (2001), ao investigar o desempenho sócio-cognitivo em três situações diferentes teste, dirigida e espontânea, destaca que a situação espontânea foi o pior modelo de coleta de dados para o uso do objeto mediador, pois esta situação não propicia o uso de instrumento facilitador para conseguir um objeto desejado, pois os brinquedos normalmente estão ao alcance da criança. Afirma também que as situações de teste e espontânea favorecem o aparecimento do jogo combinatório, e que na situação espontânea a terapeuta procura contextualizar todas as atividades e preocupa-se em relacionar as atividades ou os brinquedos.

Fernandes (2003b) comenta sobre a importância de uma relação o mais simétrica possível entre a criança e o terapeuta para a construção da linguagem e refere que cabe ao terapeuta buscar elementos que favoreçam o estabelecimento desta simetria. Ressalta que, se é importante que o contexto terapêutico seja agradável para o paciente, este também deve sê-lo para o terapeuta; desta forma as atividades poderão ser compartilhadas.

Hwang e Hughes (2000) revisaram 16 estudos com o objetivo de estabelecer relações entre os efeitos de intervenções interativas sociais e as habilidades comunicativas de crianças autistas. Os autores encontraram um aumento de comportamentos sociais, afetivos, de comunicação verbal e não-verbal, contato visual, atenção conjunta e jogo imitativo. Concluem que, embora tenham revisado somente 16 estudos, estes indicam a eficiência do treino de interação social para promover habilidades comunicativas sociais em jovens crianças com autismo. Este estudo sugere que o treino de interação social incluído no currículo educacional é uma técnica promissora para promover maiores avanços na comunicação pré-verbal e verbal de crianças com autismo, em atividades diárias de sala de aula.

Cardoso e Fernandes (2003a) pesquisam 20 crianças e adolescentes com diagnóstico incluído no espectro autístico, a fim de observar diferenças e semelhanças em dois modelos de atendimento de terapia de linguagem, com 10 sujeitos institucionalizados e 10 em esquema de atendimento ambulatorial. Neste estudo as autoras concluem

que os modelos institucional e ambulatorial de atendimento em terapia de linguagem, não apresentam diferenças significativas para os sujeitos incluídos no espectro autístico. Referem que a terapia fonoaudiológica oferece a possibilidade de um desempenho comunicativo mais eficaz, independente do modelo, multidisciplinar ou não, e que a terapia de linguagem mostrou-se efetiva para o processo de desenvolvimento comunicativo destes sujeitos.

Fernandes (2003b) afirma que as crianças autistas normalmente são muito diferentes entre si, e que determinados procedimentos podem ser utilizados para uma criança e podem ser inadequados para outra. A autora comenta que, o terapeuta deve assumir seu lugar como interlocutor real, que às vezes não compreende a criança, que tem seus próprios limites e que muitas vezes não se faz entender. Em alguns casos situações problemáticas ou mais difíceis levam a interações mais verdadeiras e espontâneas. Conclui que seria importante uma situação de jogo simples, entre ambientes e rotinas conhecidos, que irão proporcionar segurança para criança, e também a inclusão de objetos novos ao contexto terapêutico, permitindo à criança lidar com o diferente, exigindo novas habilidades de comunicação, favorecendo o desenvolvimento da interação.

Para a autora, contextos físicos, como mesa e cadeiras tendem a proporcionar menos possibilidades de expressão gestual do que ambientes amplos, que permitem que a criança brinque no chão e

também que realize jogos como basquete, futebol e boliche (Fernandes, 2003b).

Na intervenção descrita por Tamanaha (2003), o trabalho fonoaudiológico é realizado com a criança, com a família e a escola. No decorrer do processo terapêutico é enfatizada a dificuldade de comunicação, quanto aos aspectos receptivo e expressivo. O contexto terapêutico é baseado no jogo, na brincadeira compartilhada, buscando a interação entre os pares. A autora relata o uso de dramatizações, a fim de promover a representação simbólica e a capacidade de se colocar em diferentes papéis e contextos, além do trabalho com estruturação de narrativas.

Fernandes (2003d) destaca a importância de contextos de oficinas de linguagem como facilitadoras do desempenho nos aspectos sócio-cognitivos, especialmente nas áreas de intenção comunicativa gestual e vocal.

Corradi (2004), ao investigar possíveis variáveis que influenciam o desenvolvimento comunicativo em crianças autistas, atendidas segundo um modelo interativo de terapia de linguagem, conclui que o desempenho mais interativo e funcional pode estar relacionado a um melhor prognóstico para estes sujeitos. Ressalta também a grande diferença apresentada entre os sujeitos, observando melhora em várias habilidades em alguns sujeitos e em outros piora em seu desempenho. A mesma autora descreve um modelo interativo de terapia de linguagem proposto por Fernandes (2003a) e destaca a importância de se compreender cada

caso da forma mais abrangente possível, conhecendo sua história social, emocional e orgânica.

Ao estudar o perfil funcional da comunicação e o desempenho sócio-cognitivo de 50 crianças incluídas no espectro autístico, num intervalo de seis meses de terapia fonoaudiológica, Fernandes (2003c) observa que 96% dos sujeitos estudados tiveram algum progresso no perfil comunicativo e a maioria dos sujeitos apresentou melhora significativa no desempenho em intenção comunicativa e uso de objeto mediador e diminuição do uso da comunicação gestual e aumento no percentual de uso de comunicação vocal e verbal.

Para Ribeiro (2004), o uso de brinquedos convencionais ou sucata influencia a forma da criança atuar e produzir jogos simbólicos. Os brinquedos que possuam uma carga simbólica maior, como por exemplo, os convencionais, proporcionam à criança mais oportunidades de brincar simbolicamente.

Diversos autores comentam que a intervenção para melhorar a competência comunicativa e aprendizagem de indivíduos com autismo deve ser adaptada às necessidades individuais de cada paciente (Noens e Van Berckelaer-Onnes, 2004; Fernandes, 2004).

Cardoso (2004) afirma que, em sujeitos do espectro autístico, o modelo de atendimento multidisciplinar possibilita uma adequação mais rápida no uso funcional da comunicação e o melhor desempenho sócio-cognitivo desses sujeitos.

Em estudo mais recente Fernandes (2005) destaca a necessidade de estudos acerca da terapia fonoaudiológica em crianças e adolescentes com TEA, por períodos mais longos e ressalta que o uso de medicamentos e a adaptação educacional devam ser considerados.

Método

3. MÉTODO

3.1. *Sujeitos*

Participaram desta pesquisa 10 crianças e adolescentes que apresentam Transtornos do Espectro Autístico, 6 do sexo masculino e 4 do sexo feminino, com idades variando entre 4 a 13 anos de idade. Os participantes foram diagnosticados por psiquiatra, segundo os critérios do DSM-IV e da CID 10, e recebem atendimento fonoaudiológico no Estágio Curricular Supervisionado em Distúrbios da Linguagem Infantil, no Centro de Estudos da Educação e da Saúde (C.E.E.S) da UNESP de Marília e no Centro de Estudos Interdisciplinares da Comunicação Humana (CEICOMHU) da UNESP de Marília. Este foi o número total de crianças com T.E.A atendidas nestes serviços, durante o período de 2002 a 2003. Todas as crianças da amostra receberam diagnóstico psiquiátrico no CEICOMHU – Unesp/Marília e diagnóstico fonoaudiológico no C.E.E.S – Unesp/Marília. As crianças encontravam-se em processo terapêutico no mínimo há 1 ano e no máximo há 6 anos, no período da filmagem. Os dados foram coletados no final do ano letivo das terapeutas quartanistas, desta forma as crianças estavam em atendimento com a mesma terapeuta por um período de aproximadamente 9 meses.

Este projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual

Paulista campus de Marília, em 11 de fevereiro de 2004, protocolo nº968/2003. (Anexo A)

Os responsáveis foram informados sobre a realização da pesquisa, consultados sobre sua concordância em participar dela e assinaram termo de consentimento livre e esclarecido. (Anexo B).

Nenhum dos sujeitos da amostra desistiu ou abandonou o processo terapêutico no período das filmagens.

O Quadro 1 apresenta os dados referentes a idade, sexo, tempo de terapia fonoaudiológica e diagnóstico psiquiátrico de cada sujeito.

Quadro 1 - Identificação da amostra de sujeitos com Transtornos do Espectro Autístico

SUJEITOS	IDADE	SEXO	TEMPO DE TERAPIA	DIAGNÓSTICO
1	5	M	3 anos	Autismo
2	11	M	6 anos	Autismo
3	5	M	1 ano	Autismo
4	5	F	1 ano	Autismo
5	6	M	1 ano	Autismo
6	12	M	6 anos	TID
7	9	F	2 anos	TID
8	9	F	4 anos	TID
9	13	F	2 anos	TID
10	4	M	1 ano	Síndrome Asperger

TID = Transtorno Invasivo do Desenvolvimento

Os critérios de seleção dos sujeitos seguiram as seguintes normas:

- Ter o diagnóstico, dentro do espectro autístico, realizado por psiquiatra, segundo os critérios estabelecidos pela CID-10 e pelo DSM-IV.
- Estar em atendimento fonoaudiológico há pelo menos 1 ano e no máximo há 6 anos.
- Critérios como idade, sexo, escolaridade, uso de comunicação verbal ou não verbal e Q.I. não foram considerados excludentes.

3.2. Material

- Filmadora JVC GR-AXA04
- Fitas de VHS /TC -30
- Brinquedos disponíveis na sala comum e na sala NIC: miniaturas de cozinha, meios de transporte, miniaturas de animais, telefone, frutas de plástico, carrinho de bebê e de supermercado, ferro de passar roupa, roupinhas de boneca, boneca, bola, brinquedos de salão de beleza (pente, escova, secador, espelho, maquiagem) revistas, papel e lápis.
- Protocolo de registro do perfil funcional de comunicação proposto por Fernandes (2000a). (Anexo C).

- Protocolo de registro de identificação dos níveis de desempenho sócio-cognitivo baseado no estudo de Wetherby e Prutting (1984) adaptado por Molini (2001). (Anexo D).

3.3. Procedimento

Ambientes

Para coleta de dados foram utilizadas as dependências do Centro de Estudos da Educação e da Saúde (C.E.E.S) da Unesp de Marília, onde as crianças recebem atendimento fonoaudiológico semanalmente. O projeto de pesquisa foi apresentado para apreciação à coordenação de pesquisa da Unidade Auxiliar (C.E.E.S) e aprovado em 24 de abril de 2003, ofício 34/03 (autorização encontra-se no Anexo E).

A terapia de linguagem foi realizada em dois ambientes diferentes durante a coleta de dados, uma sala comum e uma sala com ambientação específica, denominada NIC - Núcleo de Interação da Criança.

A sala de atendimento comum mede 9 m², possui mesa, cadeiras, armário, colchonete e brinquedos que estavam disponíveis no armário. A sala NIC mede aproximadamente 30 m², consta de móveis adaptados para crianças pequenas, em seus respectivos ambientes como, cozinha (com pia, fogão, forno de microondas, geladeira, mesa); sala de estar (com namoradeira, poltrona e mesa) e quarto (com guarda-

roupa, penteadeira, cama, berço para bonecas e brinquedos, já descritos anteriormente. (Anexo F).

Coleta de dados

Foi utilizada filmadora, para realizar as gravações das sessões de terapia de linguagem individual durante 30 minutos. Para a análise dos dados foram utilizados os protocolos de perfil funcional da comunicação e de desempenho sócio-cognitivo. Para o preenchimento do protocolo de perfil funcional da comunicação foram utilizados os 15 minutos de interação mais simétrica de cada filmagem, de acordo com o procedimento de aplicação deste protocolo (Fernandes, 2000). Para o preenchimento do protocolo de desempenho sócio-cognitivo foram utilizados os 30 minutos de gravação, de acordo com o procedimento de aplicação deste protocolo (Molini, 2001). As sessões de gravações foram realizadas num período de um mês de terapia de linguagem, totalizando 8 momentos de gravações. Desta forma, a coleta de dados não se propõe como longitudinal, mas sim como uma forma de garantir a consistência dos dados obtidos. Cada sujeito foi filmado quatro vezes na sala comum e quatro vezes na sala NIC intercaladamente, este procedimento foi usado exclusivamente para a coleta de dados da pesquisa. As sessões filmadas foram registradas na ficha de controle de filmagens. (Anexo G).

Situação de Filmagem

- Terapia de Linguagem

A terapia da linguagem é baseada nos pressupostos da teoria pragmática, que considera elementos lingüísticos e não lingüísticos para a comunicação, iniciativa de comunicação, o contexto e a participação de diferentes interlocutores. A situação terapêutica proposta permite ao terapeuta conduzir a criança gradativamente ao seu papel de interlocutor, favorecendo a intenção comunicativa, o uso da linguagem em diferentes situações e, conforme procedimentos convencionais do uso da linguagem, a troca de turnos, a manutenção e mudança de tópico conversacional e a possibilidade de informar, solicitar e narrar um acontecimento, buscando a maior simetria possível entre os interlocutores (Fernandes, 2003b). Essa perspectiva norteou o trabalho do terapeuta em ambas as salas.

Na sala comum os brinquedos estavam disponíveis dentro do armário para uso da criança. No início de cada sessão, a terapeuta abria o armário para que a criança pudesse escolher quais brinquedos gostaria de pegar naquele dia. A criança estava livre para solicitar ou abrir o armário para pegar outros brinquedos no decorrer da sessão de terapia de linguagem.

Na sala NIC os brinquedos estavam expostos de acordo com a sua funcionalidade e estavam ao alcance das crianças. Nas duas situações as terapeutas foram orientadas a estabelecer uma situação de

jogo livre, propiciando a interação, de acordo com os interesses manifestados pela criança.

3.4. Registro e Análise de Dados

As coletas de dados de todos os sujeitos foram analisadas e transcritas pela pesquisadora e 10% dos dados referentes ao perfil funcional da comunicação e aspectos sócio-cognitivos foram analisados também por dois juízes fonoaudiólogos, com formação e experiência na área de psiquiatria infantil e experiência equivalente no uso dos instrumentos de análise, a fim de garantir a fidedignidade dos dados analisados. Foram sorteadas 8 situações de filmagem, sendo 4 filmagens da sala NIC e 4 da sala comum, cada juiz analisou 8 amostras sorteadas. Os juízes realizaram a análise quanto a todos os aspectos do perfil comunicativo.

Para cada item do perfil funcional da comunicação foi realizado o cálculo de concordância $[100 - (n \text{ maior} / n \text{ menor})] \times 100$, obtendo o percentual (%) entre cada item. Esse procedimento foi repetido em todos os itens analisados e foi obtida a média de concordância. Na análise do perfil funcional da comunicação a concordância entre os juízes e a pesquisadora foi de 98,34% (Anexo H).

Para o cálculo de concordância entre os juízes e a pesquisadora nos aspectos sócio-cognitivos foi utilizada a fórmula matemática:

$(100 - |n_1 - n_2| / n \text{ máximo}) \times 100$. Na análise dos aspectos sócio-cognitivos a concordância entre os juízes e a pesquisadora foi de 99,97 (Anexo H).

Análise do Perfil Funcional da Comunicação

Para a análise do perfil funcional da comunicação, foi utilizado o protocolo proposto por Fernandes (2000a).

A análise do perfil funcional da comunicação envolve os seguintes aspectos:

1. **ATOS COMUNICATIVOS:** começam quando a interação adulto-criança, criança-adulto ou criança-objeto é iniciada, terminando quando o foco de atenção da criança muda ou há uma troca de turno.

2. **MEIO COMUNICATIVO:** os atos comunicativos são divididos em: verbais (VE) (os que envolvem pelo menos 75% de fonemas da língua), vocais (VO) (todas as outras emissões) e gestuais (G) (que envolvem movimentos do corpo e do rosto).

3. **FUNÇÕES COMUNICATIVAS:** que foram divididas em Interpessoais e não Interpessoais (Wetherby e Prutting, 1984; Fernandes, 2002)

3.1 FUNÇÕES INTERPESSOAIS

- **Pedido de objeto (PO):** atos ou emissões usados para solicitar um objeto concreto desejável;

- **Pedido de ação (PA):** atos ou emissões usados para solicitar ao outro que execute uma ação, incluindo pedidos de ajuda e

ações que envolvem outra pessoa ou outra pessoa e um objeto;

- **Pedido de rotina social (PS):** atos ou emissões usados para solicitar ao outro que inicie ou continue um jogo de interação social. É um tipo específico de pedido de ação que envolve uma interação;

- **Pedido de consentimento (PC):** atos ou emissões usados para pedir o consentimento do outro para a realização de uma ação;

- **Pedido de informação (PI):** atos ou emissões usados para solicitar informações sobre um objeto ou evento. Inclui questões “wh” e outras emissões com contorno entoacional de interrogação;

- **Reconhecimento do outro (RO):** atos ou emissões usados para obter a atenção do outro e para indicar o reconhecimento de sua presença. Inclui cumprimentos, chamados, marcadores de polidez e de tema;

- **Exibição (E):** atos usados para atrair a atenção para si. A performance inicial pode ser acidental e a criança pode repeti-la quando percebe que isso atrai a atenção do outro;

- **Comentário (C):** atos ou emissões usados para dirigir a atenção do outro para um objeto ou evento. Inclui apontar, mostrar, descrever, informar e nomear de forma interativa;

- **Nomeação (N):** atos ou emissões usados para focalizar sua própria atenção em um objeto ou evento por meio da identificação do referente;

- **Exclamativo (EX):** atos ou emissões que expressem reação emocional a um evento ou situação. Inclui expressões de surpresa,

prazer, frustração e descontentamento, sendo imediatamente posteriores a um evento significativo;

- **Narrativa (NA):** emissões destinadas a relatar fatos reais ou imaginários, e pode haver ou não atenção por parte do ouvinte;

- **Jogo compartilhado (JC):** atividade organizada e compartilhada entre adulto e criança.

- **Expressão de protesto (EP):** choro, manha, birra ou outra manifestação de protesto não necessariamente dirigida a objeto, evento ou pessoa;

- **Protesto (PR):** atos ou emissões usados para interromper uma ação indesejada. Inclui oposição de resistência à ação do outro e rejeição de objeto oferecido.

3.2 FUNÇÕES NÃO INTERPESSOAIS

- **Reativo (RE):** emissões produzidas enquanto a pessoa examina ou interage com um objeto ou com parte do corpo. Não há evidência de intenção comunicativa, mas o sujeito está focalizando sua atenção em um objeto/parte do corpo e parece estar reagindo a isso. Pode servir a funções de treino ou auto-estimulação;

- **Performativo (PE):** atos ou emissões usados em esquemas de ação familiares aplicados a objetos. Inclui efeitos sonoros e vocalizações ritualizadas produzidas em sincronia com o comportamento motor da criança;

- **Não-focalizada (NF):** emissões produzidas, embora o sujeito não esteja focalizando sua atenção em nenhum objeto ou pessoa. Não há

evidência de intenção comunicativa, mas pode servir a funções de treino ou auto-estimulação;

- **Exploratória (XP):** atos envolvendo atividades de investigação de um objeto particular ou de uma parte do corpo ou da vestimenta do outro;

- **Auto-regulatório (AR):** emissões usadas para controlar verbalmente sua própria ação. As emissões precedem ou ocorrem ao mesmo tempo que o comportamento motor;

- **Jogo (J):** atos envolvendo atividade organizada, mas autocentrada. Inclui reações circulares primárias, podendo servir a funções de treino ou auto-estimulação;

Para o registro do perfil comunicativo, foram transcritos apenas os dados referentes à criança para ficha síntese (Anexo I) da seguinte forma:

1. Número de atos comunicativos expressos por minuto pela criança;
2. Percentual do espaço comunicativo ocupado pela criança (calculado em relação ao número total de atos comunicativos registrados);
3. Registro do número total de vezes em que cada função comunicativa foi expressa por um determinado meio comunicativo.

Análise do Desempenho Sócio-Cognitivo

Para a análise do desempenho sócio-cognitivo foi utilizado o protocolo baseado no estudo de Wetherby e Prutting (1984) adaptado por Molini (2001). Os dados foram registrados com o número, de acordo com o melhor desempenho de cada criança em cada uma das áreas (Anexo D). Foram analisadas sete áreas: intenção comunicativa gestual, intenção comunicativa vocal, uso do objeto mediador, imitação gestual, imitação vocal, jogo combinatório e jogo simbólico. Cada área apresenta um *score* mínimo e máximo para pontuação de acordo com o desempenho da criança. A criança pode não apresentar pontuação em determinada atividade, o que não implica na ausência do desempenho, neste caso não é atribuída a nota 0, apenas não é atribuída nota.

As áreas de intenção comunicativa gestual, intenção comunicativa vocal, jogo combinatório e jogo simbólico apresentam *scores* que variam de 1 a 6, ou seja, quanto maior a nota, melhor o desempenho naquela área. Nas áreas de imitação gestual, imitação vocal e uso do objeto mediador, os *scores* variam de 1 a 4, sendo que a maior nota corresponde ao melhor desempenho.

As áreas analisadas e os scores de desempenho são:

Intenção Comunicativa Gestual

1. A criança examina ou manipula objetos e não se dirige ao adulto.

2. A criança expressa reações emocionais a objetos/eventos, incluindo bater palmas, sorrir, fazer caretas ou bater.

3. A criança emite sinais gestuais que são contíguos ao objeto, ao próprio corpo da criança ou ao corpo do adulto, a criança dirige-se ao adulto.

4. A criança repete o mesmo sinal gestual até que o objeto tenha sido atingido, a criança dirige-se ao adulto.

5. A criança modifica a forma do sinal gestual até que o objeto tenha sido atingido, ou seja, a criança repete o sinal com algum elemento a mais, a criança dirige-se ao adulto.

6. A criança emite sinais gestuais ritualizados que não são contíguos ao objeto, ao corpo da criança ou ao corpo do adulto; ou seja, o mesmo sinal deve ser usado em pelo menos duas ocasiões no mesmo contexto comunicativo para ser qualificado como ritual; a criança dirige-se ao adulto.

Intenção Comunicativa Vocal

1. A criança vocaliza enquanto manipula ou examina um objeto ou enquanto ignora um objeto e não se dirige ao adulto.

2. A criança expressa reação emocional a um objeto/evento, incluindo gritos, risos, choro.

3. A criança emite sinais vocais enquanto se dirige a um objeto ou ao adulto, o mesmo sinal deve ser usado em pelo menos dois contextos comunicativos diferentes.

4. A criança repete o mesmo sinal vocal até que o objeto seja atingido, a criança dirige-se ao adulto.

5. A criança modifica a forma do sinal vocal até que o objetivo tenha sido atingido; a criança dirige-se ao adulto.

6. A criança emite sons ritualizados, isto é, o mesmo sinal deve ser usado em pelo menos duas situações com o mesmo contexto comunicativo para ser qualificado como ritual; a criança dirige-se ao adulto.

Uso de Objeto Mediador

Uso de uma ferramenta ou instrumento como forma de obter o objeto desejado.

1. A criança usa um instrumento familiar contíguo ao objetivo como forma de obtê-lo.

2. A criança usa um instrumento familiar não contíguo ao objetivo como forma de obtê-lo.

3. A criança usa um instrumento não familiar contíguo ao objeto como forma de obtê-lo.

4. A criança usa um instrumento não familiar e não contíguo ao objeto como forma de obtê-lo.

Imitação Gestual

1. A criança imita esquemas de ação familiares.

2. A criança imita gestos complexos compostos de esquemas de ação familiares.

3. A criança imita gestos não familiares visíveis.

4. A criança imita gestos invisíveis não familiares e reproduz o modelo do adulto na primeira tentativa quando o modelo não está mais presente.

Imitação Vocal

1. A criança imita sons vocálicos familiares.

2. A criança imita palavras familiares.

3. A criança imita padrões sonoros não familiares.

4. A criança imita palavras não familiares e reproduz o modelo do adulto na primeira tentativa quando o modelo não está mais presente.

Jogo Combinatório

1. A criança usa esquemas motores simples em objeto.

2. A criança manipula propriedades físicas dos objetos.

3. A criança relaciona dois objetos.

4. A criança relaciona três ou mais objetos sem ordem seqüencial

5. A criança combina pelo menos três objetos em ordem seqüencial.

6. A criança combina mais de três objetos em ordem sequencial.

Jogo Simbólico

1. A criança usa esquemas motores simples nos objetos.
2. A criança manipula propriedades físicas dos objetos.
3. A criança usa de forma convencional os objetos realísticos; pode ou não usar substâncias invisíveis; aplica os esquemas apenas a si mesma.
4. A criança usa miniaturas de forma convencional; pode ou não usar substâncias invisíveis; aplica os esquemas apenas a si mesma.
5. A criança usa objetos de forma convencional com substâncias invisíveis, aplica o esquema a si mesma e a outros.
6. A criança usa um objeto pelo outro; aplica o esquema a si mesma e a outros.

3.5. Análise dos Resultados

Para a análise do protocolo do perfil funcional da comunicação, referente ao número de atos comunicativos, espaço comunicativo ocupado pelo sujeito, funções Interpessoais e Não Interpessoais e os meios comunicativos, utilizamos a média e o percentual obtidos durante as quatro sessões filmadas da sala comum e da sala NIC.

Quanto aos resultados do desempenho sócio-cognitivo, considerou-se o melhor desempenho de cada sujeito em cada uma das salas estudadas, pois o melhor desempenho poderia aparecer apenas em

uma das filmagens, indicando as possibilidades do sujeito, mesmo que estas não sejam sistematicamente utilizadas.

3.6. Análise Estatística dos Dados

Para realizar a comparação do desempenho do perfil funcional da comunicação e dos aspectos sócio-cognitivos em cada um das salas estudadas, foi utilizado o Test t de Student para dados pareados (teste paramétrico). Esse teste é indicado quando se tem a intenção de comparar duas médias aritméticas simples em uma amostra definida por um grupo, onde se pode considerar a distribuição dos valores observados como sendo gaussiana, ou seja, normal (Rosner, 1986).

Adotamos o nível de significância de 5% (0,050), para aplicação dos testes estatísticos.

Foi aplicado o Teste dos Postos Sinalizados de Wilcoxon, com o intuito de verificar possíveis diferenças entre as salas NIC e Comum no que se refere à relação entre diferentes variáveis. Esse teste permite a comparação entre pares de variáveis.

Aplicamos a Análise de Aglomerados (Cluster), com o intuito de identificar quais sujeitos (elementos amostrais) assemelham-se e diferenciam-se entre si, em cada um dos ambientes estudados, considerando a amostra formada por 10 sujeitos. (Rosner, 1986).

Resultados

4. RESULTADOS

Iniciaremos a apresentação dos resultados descrevendo exemplos da classificação das diferentes funções comunicativas. A seguir serão apresentados os dados individuais de cada sujeito e posteriormente as correlações obtidas e a análise de aglomerados.

Exemplos das funções comunicativas Interpessoais e Não Interpessoais:

FUNÇÕES INTERPESSOAIS

Pedido de objeto (PO): Ex: “*Dá!*” (criança estende a mão para um objeto, enquanto olha para a terapeuta, indicando que o deseja)

Pedido de ação (PA): Ex: “*Senta aqui*”

Pedido de rotina social (PS): Ex: “*Vamo brincá de roda?*”

Pedido de consentimento (PC): Ex: “*Pode senta aqui ?*”

Pedido de informação (PI): EX: “*Que que isso ?*”

Reconhecimento do outro (RO): Ex: (criança olha para terapeuta)

Exibição (E): Ex: “*OH! o meu*” (criança empurra cadeira e olha para terapeuta)

Comentário (C): Ex: (criança aponta e diz) “*Aqui a minha chave*”

Nomeação (N): Ex: “*banana, maçã e laranja*” (enquanto criança e terapeuta brincam de fazer suco)

Exclamativo (EX): Ex: “*Nossa! Ai que lindo! Gool do Corinthians!*”

Narrativa (NA): Ex: *“comi arroz, feijão e farofa na escola”*

Jogo compartilhado (JC): Ex: criança e terapeuta jogam a bola uma para outra.

Expressão de protesto (EP): Ex: criança chora e bate o pé no chão.

Protesto (PR): Ex: criança empurra o braço da terapeuta e grita.

FUNÇÕES NÃO INTERPESSOAIS

Reativo (RE): Ex: criança vocaliza enquanto manipula caminhão.

Performativo (PE): Ex: criança canta parabéns.

Não-focalizada (NF): Ex: criança repete a fala da terapeuta, enquanto balança para frente e para trás.

Exploratória (XP): Ex: criança cheira e apalpa um fantoche.

Auto-regulatório (AR): Ex: *“a menina vai escrever”* (criança fala, enquanto escreve).

Jogo (J): Ex: criança chuta a bola.

Para facilitar a compreensão dos resultados obtidos, optamos por demonstrar em tabelas as variáveis observadas.

Serão apresentados os dados do perfil funcional da comunicação, incluindo número de atos comunicativas, espaço comunicativo ocupado pelos sujeitos, meios comunicativos e funções comunicativas e os resultados do desempenho sócio-cognitivo, incluindo intenção comunicativa gestual e vocal, uso do objeto mediador, imitação gestual e vocal, jogo combinatório e jogo simbólico.

4.1. Perfil Funcional da Comunicação

4.1.2. Atos Comunicativos

A Tabela 1 sintetiza a média do número de atos comunicativos por minuto, apresentados pelos sujeitos, nas quatro sessões da sala comum e da sala NIC e os dados obtidos no Test t de Student para dados pareados para análise estatística.

Tabela 1 – Média do número de Atos Comunicativos, por minuto, dos 10 sujeitos nas duas salas - médias e cálculos estatísticos

Sujeitos	Média sala Comum	Média sala NIC
S 1	6,3	5,6
S 2	4,9	4,6
S 3	1,5	1,7
S 4	2,4	2,3
S 5	2,8	3,2
S 6	6,3	7,0
S 7	4,0	4,1
S 8	5,3	5,7
S 9	3,2	3,7
S 10	4,0	4,3

Test t de Student para dados Pareados

Par de Variáveis	Média	Desvio-padrão	Significância (p)
AC_MED_C	4,1	1,6	0,285
AC_MED_N	4,2	1,6	

A maioria dos sujeitos avaliados apresentou média do número de atos comunicativos por minuto superior na sala NIC. Apenas os sujeitos 1, 2 e 4 apresentaram média superior na sala comum, quando observados individualmente. No entanto não houve significância estatística na diferença entre as médias do número de atos comunicativos por minuto nas duas salas.

4.1.3. Espaço Comunicativo

A Tabela 2 apresenta a média do percentual de espaço comunicativo ocupado pelos sujeitos na sala comum e sala NIC e os dados obtidos no Test t de Student para dados pareados para análise estatística.

Tabela 2 – Média do Percentual do Espaço Comunicativo dos sujeitos nas duas salas - médias e cálculos estatísticos.

Sujeitos	Média sala comum	Média sala NIC
S 1	48,5	46,2
S 2	38,5	36,0
S 3	43	49,5
S 4	44	43
S 5	44,25	42
S 6	47,7	49
S 7	43	43
S 8	41,25	43
S 9	35,25	41
S 10	45,75	47,25

Test t de Student para dados Pareados

Par de Variáveis	Média	Desvio-padrão	Significância (p)
EC_MED_C	43,1	4,0	0,410
EC_MED_N	44,0	4,1	

Os sujeitos 3, 6, 8, 9 e 10 apresentaram média do percentual do espaço comunicativo superior na sala NIC.

Os sujeitos 1, 2, 4 e 5 apresentaram média superior na sala comum. Apenas o sujeito 7 apresentou média do percentual do espaço comunicativo igual nas duas salas. Porém não houve significância estatística na diferença entre as médias do espaço comunicativo ocupado pelos sujeitos nas duas salas.

4.1.4. Meios Comunicativos

As Tabelas de 3 a 12 apresentam a ocorrência dos meios comunicativos utilizados pelos 10 sujeitos nas quatro sessões, o total e o percentual, na sala comum e na sala NIC.

Na Tabela 3 observa-se que o sujeito 1 apresentou predomínio do uso do meio gestual em ambas as salas.

Tabela 3 – Análise dos meios comunicativos pelo sujeito 1

MEIO COM.	C - 1	C - 2	C - 3	C - 4	% C	N - 1	N - 2	N - 3	N - 4	% N.
VERBAL	0	0	0	0	0,00	0	0	0	0	0,00
VOCAL	6	15	4	13	9,55	3	0	14	4	5,92
GESTUAL	108	99	71	82	90,45	99	80	93	62	94,08
	114	114	75	95		102	80	107	66	

C = Sala Comum

N = Sala NIC

%C = percentual total dos meios comunicativos na sala comum

%N = percentual total dos meios comunicativos na sala NIC

Na Tabela 4 é possível observar que o sujeito 2 utilizou com maior freqüência os meios verbal e gestual nas duas salas. No entanto, há um aumento do meio gestual na sala NIC em relação à sala comum, de 48,92% para 55,94%.

Tabela 4 – Análise dos meios comunicativos pelo sujeito 2

MEIO COM.	C - 1	C - 2	C - 3	C - 4	% C	N - 1	N - 2	N - 3	N - 4	% N.
VERBAL	33	41	58	45	47,58	28	34	18	54	35,36
VOCAL	8	0	3	2	3,49	8	21	2	2	8,71
GESTUAL	37	37	38	70	48,92	47	69	42	54	55,94
	78	78	99	117		83	124	62	110	

C = Sala Comum

N = Sala NIC

%C = percentual total dos meios comunicativos na sala comum

%N = percentual total dos meios comunicativos na sala NIC

A Tabela 5 demonstra um predomínio do uso do meio gestual pelo sujeito 3 nas duas salas e um aumento do uso dos meios vocal e gestual na sala NIC.

Tabela 5 – Análise dos meios comunicativos pelo sujeito 3

MEIO COM.	C - 1	C - 2	C - 3	C - 4	% . C	N - 1	N - 2	N - 3	N - 4	% . N.
VERBAL	0	0	0	0	0,00	0	0	2	0	1,32
VOCAL	9	4	2	7	20,95	3	13	8	10	22,37
GESTUAL	21	22	20	20	79,05	20	34	33	29	76,32
	30	26	22	27		23	47	43	39	

C = Sala Comum

N = Sala NIC

%C = percentual total dos meios comunicativos na sala comum

%N = percentual total dos meios comunicativos na sala NIC

Na Tabela 6 observa-se que o sujeito 4 usou o meio gestual predominantemente, em ambas as salas, apesar de ter utilizado, com menor frequência, o meio vocal também nas duas salas.

Tabela 6 – Análise dos meios comunicativos pelo sujeito 4

MEIO COM.	C - 1	C - 2	C - 3	C - 4	% . C	N - 1	N - 2	N - 3	N - 4	% . N.
VERBAL	4	0	0	0	1,94	0	1	0	1	1,14
VOCAL	20	22	5	17	31,07	18	2	10	19	27,84
GESTUAL	39	32	34	33	66,99	27	31	28	39	71,02
	63	54	39	50		45	34	38	59	

C = Sala Comum

N = Sala NIC

%C = percentual total dos meios comunicativos na sala comum

%N = percentual total dos meios comunicativos na sala NIC

Na Tabela 7 nota-se um equilíbrio no uso dos meios vocal e gestual pelo sujeito 5, em ambas as salas, no entanto, prevaleceu o uso do meio gestual.

Tabela 7 – Análise dos meios comunicativos pelo sujeito 5

MEIO COM.	C - 1	C - 2	C - 3	C - 4	% C	N - 1	N - 2	N - 3	N - 4	% N.
VERBAL	0	0	0	0	0,00	0	0	1	1	0,78
VOCAL	8	23	9	14	25,00	12	16	23	16	26,07
GESTUAL	43	42	43	34	75,00	40	45	53	50	73,15
	51	65	52	48		52	61	77	67	

C = Sala Comum

N = Sala NIC

%C = percentual total dos meios comunicativos na sala comum

%N = percentual total dos meios comunicativos na sala NIC

Na Tabela 8 é possível observar um predomínio do uso do meio verbal pelo sujeito 6 nas duas salas. Evidencia-se também que o sujeito 6 apresentou um percentual maior de uso do meio verbal na sala comum (56,95%) em relação à sala NIC (52,01%). No entanto, há um aumento do uso do meio gestual na sala NIC (44,17%) em relação à sala comum (40,90%).

Tabela 8 – Análise dos meios comunicativos pelo sujeito 6

MEIO COM.	C - 1	C - 2	C - 3	C - 4	% C	N - 1	N - 2	N - 3	N - 4	% N.
VERBAL	80	74	64	73	56,95	85	81	50	56	52,01
VOCAL	2	1	2	6	2,15	8	5	3	4	3,82
GESTUAL	32	39	51	87	40,90	42	62	58	69	44,17
	114	114	117	166		135	148	111	129	

C = Sala Comum

N = Sala NIC

%C = percentual total dos meios comunicativos na sala comum

%N = percentual total dos meios comunicativos na sala NIC

Na Tabela 9 nota-se o equilíbrio do uso do meio verbal e gestual pelo sujeito 7 em ambas as salas.

Tabela 9 – Análise dos meios comunicativos pelo sujeito 7

MEIO COM.	C - 1	C - 2	C - 3	C - 4	% C	N - 1	N - 2	N - 3	N - 4	% N.
VERBAL	51	29	27	35	49,48	53	17	34	37	46,08
VOCAL	4	1	4	7	5,57	4	2	1	4	3,59
GESTUAL	34	40	31	24	44,95	47	41	40	26	50,33
	89	70	62	66		104	60	75	67	

C = Sala Comum

N = Sala NIC

%C = percentual total dos meios comunicativos na sala comum

%N = percentual total dos meios comunicativos na sala NIC

Na Tabela 10 observa-se que o sujeito 8 faz uso dos meios gestual e vocal igualmente nas duas salas, com predomínio para o uso do meio gestual na sala comum e na sala NIC.

Tabela 10 – Análise dos meios comunicativos pelo sujeito 8

MEIO COM.	C - 1	C - 2	C - 3	C - 4	% C	N - 1	N - 2	N - 3	N - 4	% N.
VERBAL	0	0	0	0	0,00	0	0	0	0	0,00
VOCAL	55	30	56	62	38,23	34	73	61	68	38,50
GESTUAL	81	74	72	101	61,77	79	103	97	98	61,50
	136	104	128	163		113	176	158	166	

C = Sala Comum

N = Sala NIC

%C = percentual total dos meios comunicativos na sala comum

%N = percentual total dos meios comunicativos na sala NIC

A Tabela 11 mostra que o uso do meio verbal foi maior na sala comum (42,17%) e o do gestual, maior na sala NIC (61,32%) para o sujeito 9.

Tabela 11 – Análise dos meios comunicativos pelo sujeito 9

MEIO COM.	C - 1	C - 2	C - 3	C - 4	% C	N - 1	N - 2	N - 3	N - 4	% N.
VERBAL	31	24	1	41	42,17	14	25	18	32	36,63
VOCAL	52	1	1	1	3,48	0	3	0	2	2,06
GESTUAL	36	37	18	34	54,35	26	46	25	52	61,32
	72	62	20	76		40	74	43	86	

C = Sala Comum

N = Sala NIC

%C = percentual total dos meios comunicativos na sala comum

%N = percentual total dos meios comunicativos na sala NIC

Na Tabela 12 observa-se que o sujeito 10 utilizou o meio verbal com maior freqüência na sala NIC (41,54%) e o gestual com maior freqüência na sala comum (57,65%).

Tabela 12 – Análise dos meios comunicativos pelo sujeito 10

MEIO COM.	C - 1	C - 2	C - 3	C - 4	% C	N - 1	N - 2	N - 3	N - 4	% N.
VERBAL	67	26	14	24	38,53	68	34	24	36	41,54
VOCAL	1	0	10	2	3,82	6	4	8	6	6,15
GESTUAL	70	40	49	37	57,65	61	51	38	54	52,31
	138	66	73	63		135	89	70	96	

C = Sala Comum

N = Sala NIC

%C = percentual total dos meios comunicativos na sala comum

%N = percentual total dos meios comunicativos na sala NIC

A Tabela 13 sintetiza os dados obtidos no Test t de Student para dados pareados, da média dos meios comunicativos verbal, vocal e gestual, pelos dez sujeitos, na sala Comum e na sala NIC.

Tabela 13 – Média, desvio padrão e significância dos Meios Comunicativos dos 10 sujeitos (valores em percentuais).

Par de Variáveis	Média	Desvio-padrão	Significância (p)
VE C	23,7%	25,0%	0,158
VE N	21,5%	22,4%	
VO C	14,3%	13,3%	0,848
VO N	14,5%	13,0%	
G C	62,0%	15,9%	0,173
G N	64,0%	14,9%	

VE = Verbal

G = Gestual

N = Sala NIC

VO = Vocal

C = Sala Comum

Apesar das diferenças observadas quanto ao uso dos meios comunicativos pelos dez sujeitos na sala comum e na sala NIC, não foi possível identificar significância estatística, como indica a Tabela 13.

4.1.5. Funções Interpessoais e Não Interpessoais

A seguir serão apresentadas, por meio de tabelas, as ocorrências das funções Interpessoais e Não Interpessoais. Serão apresentados também os cálculos estatísticos.

A Tabela 14 apresenta o percentual das quatro sessões, das funções interpessoais e não interpessoais expressas pelos sujeitos 1 ao 10, na sala comum e na sala NIC.

Tabela 14 – Percentual das Funções interpessoais e não interpessoais expressas pelos Sujeitos 1 a 10 nas quatro sessões e percentual da média

Funções/Sujeito	C - 1	C - 2	C - 3	C - 4	C média	N - 1	N - 2	N - 3	N - 4	N média
S 1 - Interpessoais.	50	36	50	48	46	38	48	49	44	45
S 1 - Não Interpessoais.	50	64	50	52	54	62	53	51	56	55
S 2 - Interpessoais.	64	81	78	62	71	54	46	38	67	51
S 2 - Não Interpessoais.	36	19	22	38	28	46	54	62	33	48
S 3 - Interpessoais.	33	43	63	43	46	30	63	74	52	55
S 3 - Não Interpessoais.	67	57	37	57	54	70	37	26	48	45
S 4 - Interpessoais.	57	44	26	19	37	35	22	38	54	37
S 4 - Não Interpessoais.	43	56	74	81	63	65	78	63	46	62
S 5 - Interpessoais.	11	29	14	11	16	10	4	30	18	15
S 5 - Não Interpessoais.	89	71	86	89	83	90	96	70	82	84
S 6 - Interpessoais.	87	88	88	86	87	78	76	72	71	44
S 6 - Não Interpessoais.	13	12	12	14	12	22	24	28	29	25
S 7 - Interpessoais.	63	64	49	74	63	71	48	64	69	63
S 7 - Não Interpessoais.	37	36	51	26	37	29	52	36	31	36
S 8 - Interpessoais.	57	50	54	53	53	37	56	52	65	52
S 8 - Não Interpessoais.	43	50	46	47	46	63	44	48	35	47
S 9 - Interpessoais.	64	64	58	65	63	68	54	49	57	57
S 9 - Não Interpessoais.	36	36	42	35	37	32	46	51	43	43
S 10 - Interpessoais.	27	37	13	34	28	13	11	22	25	18
S 10 - Não Interpessoais.	73	63	87	66	72	87	89	78	75	82

C = Sala Comum N = Sala NIC

Tabela 15 – Análise da diferença da interpessoalidade da comunicação entre as duas salas

FUNÇÕES	Desvio Padrão	Significância (p)
MAIS INTERPESSOAIS - SC	21,05	0,150
MAIS INTERPESSOAIS - SN	16,09	
MENOS INTERPESSOAIS - SC	21,17	0,154
MENOS INTERPESSOAIS - SN	18,80	

SC = Sala Comum

SN = Sala NIC

O cálculo estatístico mostrou que não houve significância estatística na diferença entre o uso de funções comunicativas Interpessoais quando comparadas a sala comum e a sala NIC (Tabela 15).

As Tabelas 16 e 17 apresentam o cálculo estatístico obtido do Test t de Student para dados pareados de cada função comunicativa analisada, em ambas as salas.

Tabela 16 – Média, desvio padrão e significância das Funções Interpessoais

Par de Variáveis	Média	Desvio-padrão	Significância (p)
PO_C	0,9	1,0	0,805
PO_N	1,0	0,8	
RO_C	8,5	6,8	0,571
RO_N	8,0	6,8	
EX_C	4,9	7,6	0,672
EX_N	4,6	6,5	
EP_C	1,4	2,7	0,970
EP_N	1,4	1,3	
NA_C	0,2	0,4	0,104
NA_N	0,1	0,3	
OS_C	0,3	0,4	0,494
OS_N	0,2	0,4	
C_C	3,3	4,6	0,054
C_N	2,4	4,2	
PA_C	2,3	3,5	0,743
PA_N	2,1	2,5	
E_C	1,7	1,6	0,377
E_N	1,3	2,2	
JC_C	1,3	0,7	0,235
JC_N	1,9	1,5	
N_C	1,3	1,8	0,381
N_N	1,0	1,8	
PI_C	4,3	7,0	0,156
PI_N	3,6	5,8	
PC_C	0,5	0,8	0,453
PC_N	0,7	1,3	
PR_C	3,3	3,7	0,652
PR_N	3,7	2,4	

PO = pedido de objeto	RO = reconhecimento do outro
EX = exclamativa	EP = expressão de protesto
NA = narrativa	PS = pedido de rotina social
C = comentário	PA = pedido de ação
E = exibição	JC = jogo compartilhado
N = nomeação	PI = pedido de informação
PC = pedido de consentimento	PR = protesto
C = sala Comum	N = sala NIC

O cálculo estatístico da média da ocorrência de todas as funções comunicativas Interpessoais mostrou que a diferença entre as duas salas não teve significância estatística.

Tabela 17 – Média, desvio padrão e significância da diferença entre as duas salas quanto às Funções Não Interpessoais

Par de Variáveis	Média	Desvio-padrão	Significância (p)
PE_C	0,5	0,4	0,338
PE_N	0,8	1,2	
NF_C	10,6	7,2	0,177
NF_N	11,8	7,4	
REC	2,7	1,6	0,380
RE_N	2,2	1,6	
XP_C	9,6	6,7	0,276
XP N	11,0	5,7	
AR_C	0,5	1,0	0,168
AR_N	0,7	1,2	
J C	3,9	2,6	0,193
J_N	6,0	6,0	
PE = performativa RE = reativa AR = auto-regulatória C = sala comum			NF = não focalizada XP = exploratória J = jogo N = sala NIC

O cálculo estatístico da média da ocorrência de todas as funções comunicativas Não Interpessoais mostrou que não houve significância estatística nas diferenças observadas entre a sala comum e a sala NIC.

4.2. Desempenho Sócio-Cognitivo

A Tabela 18 apresenta os melhores desempenhos nas áreas de intenção comunicativa gestual (ICG), intenção comunicativa vocal (ICV), uso do objeto mediador (UOM), imitação gestual (IG), imitação vocal (IV), jogo combinatório (JC) e jogo simbólico (JS) dos dez sujeitos, nas quatro sessões, na sala comum. O desempenho de cada sujeito, nas oito sessões estarão apresentados no CD em anexo.

Tabela 18 – Melhor desempenho nos aspectos sócio-cognitivos na sala comum

Sujeitos	ICG	ICV	UOM	IG	IV	JC	JS
S1	3	3	1	0	0	1	1
S2	4	4	1	2	2	3	4
S3	3	2	0	1	1	3	3
S4	5	4	1	2	2	4	4
S5	4	2	0	2	3	4	3
S6	4	4	1	3	3	5	5
S7	4	4	1	3	3	3	4
S8	6	4	1	3	3	5	5
S9	4	4	1	2	2	4	5
S10	3	3	0	4	4	3	4

ICG = intenção comunicativa gestual
 UOM = uso do objeto mediador
 IV = imitação vocal
 JS = jogo simbólico

ICV = intenção comunicativa vocal
 IG = imitação gestual
 JC = jogo combinatório

A Tabela 19 apresenta os melhores desempenhos nas áreas de intenção comunicativa gestual (ICG), intenção comunicativa vocal (ICV),

uso do objeto mediador (UOM), imitação gestual (IG), imitação vocal (IV), jogo combinatório (JC) e jogo simbólico (JS) dos 10 sujeitos, das quatro sessões na sala NIC.

Tabela 19 – Melhor desempenho nos aspectos sócio-cognitivos na sala NIC

Sujeitos	ICG	ICV	UOM	IG	IV	JC	JS
S1	3	3	1	3	2	6	5
S2	4	4	1	4	3	5	5
S3	4	2	0	2	4	3	4
S4	5	4	0	2	1	4	4
S5	4	3	0	2	2	3	3
S6	4	4	2	4	4	5	5
S7	5	5	1	2	3	3	5
S8	5	5	2	2	4	5	5
S9	3	4	1	3	3	4	5
S10	3	3	0	4	4	3	4

ICG = intenção comunicativa gestual

UOM = uso do objeto mediador

IV = imitação vocal

JS = jogo simbólico

ICV = intenção comunicativa vocal

IG = imitação gestual

JC = jogo combinatório

Os resultados indicam que os sujeitos 8 e 9 apresentaram melhor desempenho em Intenção Comunicativa Gestual na sala comum e os sujeitos 3 e 7 apresentaram melhor desempenho na sala NIC. Os demais sujeitos apresentaram escores semelhantes em ambas às salas.

Os sujeitos 5, 7 e 8 obtiveram melhor desempenho em Intenção Comunicativa Vocal na sala NIC. Os sujeitos 1, 2, 3, 4, 6, 9 e 10 apresentaram desempenho igual nas duas salas.

O melhor desempenho em Uso do Objeto Mediador foi observado apenas nos sujeitos 6 e 8 na sala NIC. Apenas o sujeito 4 obteve melhor desempenho na sala comum. Os sujeitos 1, 2, 7 e 9 não apresentaram diferença no desempenho em Uso do Objeto Mediador na sala comum e sala NIC. Para os sujeitos 3, 5 e 10 o Uso do Objeto Mediador não ocorreu.

Para Imitação Gestual não houve diferença no desempenho dos sujeitos 4, 5 e 10 nas salas NIC e comum. Os sujeitos 1, 2, 3, 6 e 9 apresentaram melhor desempenho na sala NIC, enquanto os sujeitos 7 e 8 obtiveram melhor desempenho na sala comum.

Os sujeitos 1, 2, 3, 6, 8 e 9 obtiveram melhor desempenho na sala NIC para Imitação Vocal. Os sujeitos 4 e 5 apresentaram melhor desempenho na sala comum. Apenas os sujeitos 7 e 10 apresentaram desempenho semelhante nas duas salas.

Os sujeitos 3, 4, 6, 7, 8, 9 e 10 apresentaram desempenho igual nas duas salas para Jogo Combinatório. Os sujeitos 1 e 2 obtiveram melhor desempenho na sala NIC. Apenas o sujeito 5 apresentou melhor desempenho na sala comum.

Para o item Jogo Simbólico os sujeitos 4, 5, 6, 8, 9 e 10 obtiveram desempenho igual nas duas salas. Os sujeitos 1, 2, 3 e 7 apresentaram melhor desempenho na sala NIC.

Quando analisamos os resultados do melhor desempenho dos aspectos sócio-cognitivos na sala comum e na sala NIC, verificamos que

as diferenças encontradas, quanto ao desempenho dos dez sujeitos nas duas salas, são pouco expressivas.

A Tabela 20 sintetiza os dados obtidos no Test t de Student para dados Pareados, do desempenho sócio-cognitivo dos dez sujeitos, em ambas as salas.

Tabela 20 – Média, desvio padrão e significância das diferenças no Desempenho Sócio-Cognitivo dos dez sujeitos em ambas as salas

Par de Variáveis	Média	Desvio-padrão	Significância (p)
ICG_C	4,0	0,9	> 0,999
ICG_N	4,0	0,8	
ICV_C	3,4	0,8	0,081
ICV_N	3,7	1,0	
UOM_C	0,7	0,5	0,591
UOM_N	0,8	0,8	
IG_C	2,2	1,1	0,168
IG_N	2,8	0,9	
IV_C	2,3	1,5	0,111
IV_N	3,0	1,1	
JC_C	3,5	1,2	0,297
JC_N	4,1	1,1	
JS_C	3,8	1,2	0,070
JS_N	4,6	0,7	
ICG = intenção comunicativa gestual UOM = uso do objeto mediador IV = imitação vocal JS = jogo simbólico N = sala NIC		ICV = intenção comunicativa vocal IG = imitação gestual JC = jogo combinatório C = sala comum	

Podemos observar, na Tabela 20, que não houve significância estatística nos resultados observados quanto à diferença no desempenho sócio-cognitivo, dos dez sujeitos, nas duas salas estudadas.

4.3. Correlações

A Tabela 21 apresenta as correlações estatisticamente significativas, obtidas por meio do Teste dos Postos Sinalizados de Wilcoxon, entre o número de atos comunicativos expressos por minuto na sala NIC e outros aspectos do perfil funcional da comunicação e do desempenho sócio-cognitivo.

Tabela 21 – Correlações estatisticamente significativas entre o número de atos comunicativos expressos por minuto na sala NIC e outros aspectos do perfil funcional da comunicação e do desempenho sócio-cognitivo.

Par de Variáveis	Coef. Correl.	Significância (p)
AC-N X EX-C	0,726	0,017
AC-N X EX-N	0,729	0,017
AC-N X PC N	0,645	0,044
AC N X NF N	0,639	0,047
AC N X UOM N	0,843	0,002
AC N X JC N	0,688	0,028
AC N X JS N	0,639	0,046
C= sala Comum AC = atos comunicativos EX= função exclamativa NF= função não focalizada JC= jogo combinatório		
N= sala NIC Coef. Correl= coeficiente de correlação PC= função pedido de consentimento UOM= uso do objeto mediador JS= jogo simbólico		

Das 61 correlações possíveis, apenas 7 apresentaram resultados estatisticamente significativos. Esses resultados indicam correlações positivas entre o número de atos comunicativos por minuto e a ocorrência das funções Exclamativa (nas 2 salas), Pedido de Consentimento e Não-Focalizada na sala NIC e com o desempenho nas áreas de Uso de Objeto Mediador, Jogo Combinatório e Jogo Simbólico na sala NIC.

A Tabela 22 apresenta as correlações estatisticamente significativas, obtidas por meio do Teste dos Postos Sinalizados de Wilcoxon, entre o número de atos comunicativos expressos por minuto na sala Comum e outros aspectos do perfil funcional da comunicação e do desempenho sócio-cognitivo.

Tabela 22 – Correlações estatisticamente significativas entre o número de atos comunicativos expressos por minuto na sala Comum e outros aspectos do perfil funcional da comunicação e do desempenho sócio-cognitivo.

Par de Variáveis	Coef. Correl.	Significância (p)
AC-C X RO-C	0,7	0,024
AC-C X NF-C	0,676	0,032
AC-C X J C	0,667	0,035
AC-C X RO N	0,684	0,029
AC-C X PR N	0,668	0,035
AC C X NFN	0,669	0,035
AC C X XP N	0,641	0,046
AC C X UOM N	0,781	0,008
AC C X JC N	0,788	0,007
AC C X JS N	0,661	0,037

N= sala NIC
 AC = atos comunicativos
 RO= função reconhecimento do outro
 J= função Jogo
 XP= função exploratória
 JC= jogo combinatório

C= sala Comum
 Coef. Correl= coeficiente de correlação
 NF= função não focalizada
 PR= função protesto
 UOM= uso do objeto mediador
 JS= jogo simbólico

Das 61 correlações possíveis apenas dez apresentaram resultados estatisticamente significativos. Esses resultados indicam correlações positivas entre o número de atos comunicativos por minuto e a ocorrência das funções Reconhecimento do Outro e Não-Focalizada (nas 2 salas), Jogo na sala comum e Protesto e Exploratória na sala NIC e com o desempenho nas áreas de Uso do Objeto Mediador, Jogo Combinatório e Jogo Simbólico na sala NIC. Os dados apontam para um número maior de correlações estatisticamente significativas na sala NIC.

A Tabela 23 apresenta as correlações estatisticamente significativas, obtidas por meio do Teste dos Postos Sinalizados de Wilcoxon, entre o espaço comunicativo ocupado pelos sujeitos, na sala Comum e na sala NIC e outros aspectos do perfil funcional da comunicação e do desempenho sócio-cognitivo.

Tabela 23 – Correlações estatisticamente significativas entre os dados referentes à ocupação do espaço comunicativo nas duas salas e outros aspectos do perfil funcional da comunicação e do desempenho sócio-cognitivo.

Par de Variáveis	Coef. Correl.	Significância (p)
EC-C X EC-N	0,689	0,028
EC-N X PS-C	0,649	0,042

N= sala NIC
 EC = espaço comunicativo
 PS= função pedido de rotina social

C= sala Comum
 Coef. Correl= coeficiente de correlação

Das 61 correlações possíveis apenas duas apresentaram resultados estatisticamente significativos, o que indica que os dados não se correlacionam de forma significativa.

No que se refere às diversas funções comunicativas, os dados apresentados a seguir apontam o número de correlações estatisticamente significativas para cada função (os resultados detalhados encontram-se no CD em anexo).

As Tabelas 24 e 25 sintetizam o número de correlações estatisticamente significativas, obtidas por meio do Teste dos Postos Sinalizados de Wilcoxon, entre cada função comunicativa expressa pelos sujeitos, na sala Comum e na sala NIC, e todas as outras variáveis deste estudo.

Tabela 24 – Número de correlações estatisticamente significativas com as funções interpessoais em ambas as salas

Funções	Interpessoais Sala Comum		Interpessoais Sala NIC	
	positivas	negativas	positivas	negativas
Pedido de Objeto	10	1	10	-
Reconhecimento do Outro	6	-	6	-
Exclamativa	15	-	14	-
Expressão de Protesto	9	-	2	1
Narrativa	14	1	10	-
Pedido de Rotina Social	1	1	5	-
Comentário	8	1	3	-
Pedido de Ação	7	-	10	-
Exibição	13	-	6	-
Jogo Compartilhado	2	-	1	-
Nomeação	4	1	5	-
Pedido de Informação	11	3	12	3
Pedido de Consentimento	12	2	13	1
Protesto	5	4	6	2

Tabela 25 – Número de correlações estatisticamente significativas com as Funções não interpessoais em ambas as salas

Funções	Não Interpessoais Sala Comum		Não Interpessoais Sala NIC	
	positivas	negativas	positivas	negativas
Auto-Regulatória	3	-	3	-
Performativa	0	5	1	-
Não Focalizada	7	-	7	-
Reativa	2	11	0	-
Jogo	0	3	3	-
Exploratória	7	1	6	-

Os dados das Tabelas 24 e 25 evidenciam que é possível observar um maior número de correlações para cada função na sala comum, independentemente se estão sendo consideradas as funções mais interpessoais ou não.

As Tabelas 26 a 28 sintetizam as correlações estatisticamente significativas, obtidas por meio do Teste dos Postos Sinalizados de Wilcoxon, entre o percentual dos meios comunicativos e a utilização de outros meios comunicativos e o desempenho sócio-cognitivo nas duas salas.

Tabela 26 – Correlações estatisticamente significativas entre o percentual do meio Verbal e a utilização de outros meios comunicativos e o desempenho sócio-cognitivo nas duas salas.

%VE – Sala C	Coef -	(p)	%VE – Sala NIC	Coef -	(p)
VE –sala NIC	0,988	0,000	VE –sala C	0,988	0,000
VO – sala C	-0,824	0,003	VO – sala C	-0,823	0,003
VO – sala NIC	-0,769	0,009	VO – sala NIC	-0,775	0,008
G – sala C	-0,88	0,001	G – sala C	-0,862	0,001
G – sala NIC	-0,821	0,004	G – sala NIC	0,834	0,003
IG – sala NIC	0,672	0,033	IG – sala NIC	0,66	0,038

%VE= percentual verbal
 G= gestual
 C= sala comum

VO= vocal
 IG= imitação gestual
 Coef= coeficiente de correlação

Tabela 27 – Correlações estatisticamente significativas entre o percentual do meio Vocal e a utilização de outros meios comunicativos e o desempenho sócio-cognitivo nas duas salas.

%VO – Sala C	Coef -	(p)	%VO – Sala NIC	Coef -	(p)
VO –sala NIC	0,979	0,000	VO –sala C	0,979	0,000
ICG – sala C.	0,647	0,043	ICG – sala C.	0,64	0,046
IG – sala NIC	-0,749	0,013	IG – sala NIC	-0,659	0,038

%VO= percentual vocal
 ICG= intenção comunicativa gestual
 C= sala comum

VO= vocal
 IG= imitação gestual
 Coef= coeficiente de correlação

Tabela 28 – Correlações estatisticamente significativas entre o percentual do meio Gestual e a utilização de outros meios comunicativos e o desempenho sócio-cognitivo nas duas salas.

%G – Sala C	Coef -	(p)	%G – Sala NIC	Coef -	(p)
G –sala NIC	0,963	0,000	G –sala C	0,963	0,000
ICV – sala C.	-0,697	0,025	IG – sala C.	-0,869	0,001
IG – sala C	-0,745	0,014	IV – sala C	-0,792	0,006
IV – sala C	-0,651	0,042	JS – sala C	-0,832	0,003
JS – sala C	-0,82	0,004			
ICV – sala NIC	-0,651	0,046			

%G= percentual meio gestual
 IG= imitação gestual
 JS= jogo simbólico
 Coef= coeficiente de correlação

G= gestual
 ICV= intenção comunicativa vocal
 IV= imitação vocal

Os dados indicam correlações significativas entre o percentual do meio comunicativo verbal e a utilização de outros meios comunicativos e a imitação gestual nas duas salas. Esses resultados apontam que quanto maior a ocorrência de verbalizações, menor a ocorrência dos meios vocal e gestual.

A Tabela 29 apresenta as correlações estatisticamente significativas, obtidas por meio do Teste dos Postos Sinalizados de Wilcoxon, para o desempenho sócio-cognitivo nas duas salas.

Tabela 29 – Correlações estatisticamente significativas para o desempenho sócio-cognitivo nas duas salas.

Pares de Variáveis	Coef. Correl.	Significância (p)
ICG-C X ICG-N	0,722	0,018
ICG-C X ICV-N	0,745	0,013
ICV-C X ICV-N	0,861	0,001
ICV-C X UOM-N	0,635	0,049
ICV-C X JS-N	0,678	0,031
UOM-C X ICV-N	0,752	0,012
UOM-C X UOM-N	0,7	0,024
UOM C X JC-N	0,69	0,027

ICG-C = Intenção comunicativa gestual Sala Comum

ICG-N = Intenção comunicativa gestual Sala NIC

ICV-C = Intenção comunicativa gestual Sala Comum

ICV-N = Intenção comunicativa gestual Sala NIC

UOM-C = Uso do objeto mediador Sala Comum

UOM-N = Uso do objeto mediador Sala NIC

JS-N = Jogo simbólico Sala NIC

JC-N = Jogo combinatório Sala NIC

Das 61 correlações possíveis, apenas oito apresentaram resultados estatisticamente significativos. Esses resultados indicam correlações positivas entre os aspectos do desempenho sócio-cognitivo nas duas salas, entretanto deve-se considerar o pequeno número de correlações significativas como um possível resultado das grandes variações individuais.

4.4. Análise de Aglomerados (Clusters)

Dendrograma

Dendrogram using Average Linkage (Between Groups)
Rescaled Distance Cluster Combine

Foi realizada uma análise de aglomerados para buscar identificar semelhanças e diferenças entre os sujeitos.

O dendrograma resultado da análise de aglomerados identifica, primeiramente, 2 grupos (linha A) pela presença ou ausência de comunicação verbal. O primeiro grupo, sem comunicação verbal, é formado pelos sujeitos 1 e 8 enquanto o outro grupo, com comunicação verbal, é formado pelos outros oito sujeitos.

A linha B, por sua vez identifica três grupos, sendo o primeiro formado pelos sujeitos não verbais (1 e 8), o segundo constituído pelo único sujeito (6) que apresentou o número de atos comunicativos superior a 6, e o terceiro grupo, com os sete sujeitos restantes, que expressaram menos atos comunicativos por minuto. A próxima análise significativa distingue cinco aglomerados (linha C), dos quais três referem-se a sujeitos isolados (1, 8 e 6). Os grupos propriamente ditos diferem entre si em função da proporção de uso do meio gestual, sendo que os sujeitos 3, 4 e 5 são os que mais fazem uso desse meio comunicativo.

A partir da análise de aglomerados foi possível confirmar a existência de grandes diferenças individuais. É importante notar, entretanto, que o desempenho nas diferentes salas não foi um fator determinante para o estabelecimento de aglomerados significativos.

Discussão dos Dados

5. DISCUSSÃO DOS DADOS

Iniciaremos discutindo o perfil funcional da comunicação na sala comum e na sala NIC. Os demais dados serão discutidos na mesma ordem de apresentação dos resultados:

- perfil funcional da comunicação nos dois diferentes ambientes de terapia de linguagem: sala comum de terapia e sala com ambientação específica (sala NIC).
- desempenho sócio-cognitivo nos dois diferentes ambientes de terapia de linguagem: sala comum de terapia e sala com ambientação específica (sala NIC).
- correlações entre perfil funcional da comunicação e desempenho sócio-cognitivo na sala NIC e na sala comum.
- Aglomerados significativos (dendrograma)

5.1. *Perfil Funcional da Comunicação na Sala Comum e na Sala NIC*

Quanto ao perfil funcional da comunicação nas duas salas, quatro aspectos foram analisados: As médias do número de atos comunicativos por minuto, o espaço comunicativo ocupado pelos sujeitos, o percentual de uso dos meios comunicativos e a proporção de funções interpessoais e não interpessoais. Não houve diferença estatisticamente

significativa, nos dez sujeitos, em nenhum dos aspectos analisados como pode ser observado nas Tabelas 1 a 17.

Os achados de Kyratziz e Ervin-Tripp (1999) mostram que o uso de fala por crianças normais pode variar de acordo com o contexto social, neste estudo o contexto ambiental não resultou em variação no uso da comunicação verbal e vocal pelos indivíduos estudados.

Yont et al. (2003), ao compararem a interação mãe-criança em situação de brincadeira livre e leitura de livro, observam que o contexto comunicativo gera diferenças na comunicação entre as díades mãe-criança com 12 meses de idade. Os autores ressaltam a significativa influência do contexto social no uso da linguagem de crianças normais. Este dado sugere que o contexto comunicativo é que provoca diferenças no uso de linguagem mesmo em crianças autistas.

Ryckebusch e Marcos (2004) analisam o contexto interacional em crianças normais e constataam que há diferença nas funções comunicativas expressas, em relação à mudança de interlocutor e ao tipo de jogo, de acordo com a idade da criança. Na presente pesquisa o contexto ambiental foi o foco de análise, enquanto que o contexto interacional permaneceu o mesmo. Nesse sentido, não foram observadas diferenças nas funções comunicativas expressas por crianças com Transtorno do Espectro Autístico, indicando que o contexto interacional parece ter maior influencia na comunicação do que o contexto ambiental.

Os achados de Bosco et al. (2004) demonstram que, em crianças normais entre três e sete anos de idade, a interpretação da

expressão vocal do interlocutor é diferentemente afetada em diferentes contextos, inclusive no contexto ambiental. Ainda que o presente estudo não tenha investigado especificamente esses aspectos, é possível supor que a interpretação da fala do interlocutor não variou em relação ao contexto ambiental, já que as funções analisadas neste estudo envolvem reações do interlocutor durante a atividade comunicativa.

Corroborando os achados do presente trabalho, Wing (1997) afirma que crianças autistas respondem a detalhes específicos, mas ignoram o contexto geral. No estudo aqui apresentado o contexto ambiental não provocou mudanças no perfil funcional da comunicação de crianças com Transtorno do Espectro Autístico. Isto provavelmente explica o fato de crianças autistas se saírem melhor em atividades que requeiram habilidades visuo-espaciais, como quebra-cabeças, “lince” ou tarefas de encontrar formas escondidas em figuras. No entanto, essas crianças apresentam dificuldade quando precisam descrever uma figura.

Estes aspectos podem estar relacionados à falha na coerência central observada no autismo, ou seja, a dificuldade de integrar as informações levando em conta o contexto, a idéia central, o todo e o significado (Frith, 1989; Baron-Cohen e Swettenham, 1997).

No presente estudo, não foram observadas diferenças estatisticamente significativas nos 10 sujeitos com TEA, nas duas salas estudadas, no que se refere às funções interpessoais e não interpessoais expressadas. Para Cardoso e Fernandes (2003b) diferentes situações comunicativas geram aumento do uso das funções interpessoais e a

conseqüente diminuição das funções não interpessoais em crianças do espectro autístico. Este dado comprova que diferentes contextos comunicativos interferem significativamente no uso funcional da linguagem e sugere que contextos comunicativos similares não produzem diferenças no perfil funcional da comunicação, como observado na presente pesquisa.

Cardoso (2004) conclui que diferentes contextos implicam diferenças no perfil funcional da comunicação de crianças do espectro autístico, num período de 12 meses em terapia de linguagem individual. Para a autora, essas mudanças estão relacionadas ao tempo e à interferência de diferentes interlocutores e não apenas ao contexto. Este dado confirma os achados desta pesquisa, já que variações apenas no contexto ambiental não interferiram no perfil comunicativo de crianças com TEA.

Perissinoto (2003) ressalta a importância e a relevância da integração entre os contextos físico, situacional e lingüístico para a efetividade da comunicação de indivíduos com Transtorno do Espectro Autístico. Esta afirmação é confirmada na presente pesquisa, uma vez que o contexto ambiental exclusivamente não influenciou na comunicação de crianças autistas.

Quanto às funções comunicativas, Stone e Caro-Martinez (1990) ressaltam que a criança autista utiliza funções interpessoais principalmente para regular o comportamento do outro e raramente para direcionar a atenção do outro para um objeto ou evento com fim social,

como ocorre com a função comunicativa de comentário. Vale ressaltar que neste trabalho a função comentário apresentou um acréscimo na sala comum, embora não seja possível identificá-lo como estatisticamente significativo, como se pode observar na Tabela 16.

McConnell (2002) menciona a importância da criação de ambientes terapêuticos para facilitar e promover a interação social de crianças autistas. No entanto, na presente pesquisa, não foram observadas diferenças estatisticamente significativas quanto ao perfil funcional da comunicação de indivíduos com Transtorno do Espectro Autístico em ambientes especialmente estruturados, em relação a ambientes neutros, como a sala comum de terapia de linguagem.

Embora este estudo tenha analisado somente o contexto ambiental e sua interferência no uso funcional da comunicação, vale destacar a importância de outros aspectos do contexto para efetividade da comunicação. Diversos autores apóiam esta afirmação ao relatarem que aspectos distintos do contexto, como o ambiente físico e social são relevantes para o uso da linguagem (Keller–Cohen, 1978; Bosco et al. 2004; Fernandes, 2005). Do mesmo modo, outros autores consideram que o contexto, em suas diferentes dimensões, é fundamental para o estudo do uso funcional da linguagem por indivíduos do Espectro Autístico (Fernandes, 2002; Perissinoto, 2003; Cardoso, 2004).

Com base nos achados da presente pesquisa foi possível, ainda, identificar a relevância do contexto comunicativo, situação de interação entre terapeuta e paciente, para a terapia de linguagem com crianças

autistas. Estes dados estão de acordo com a afirmação de Wetherby et al. (2001), sobre a importância da criação de contextos de atenção compartilhada, e de jogo compartilhado durante terapia de linguagem, para ampliar as experiências de eficácia comunicativa.

5.2. Desempenho Sócio-Cognitivo na Sala Comum e na Sala NIC

Quanto ao desempenho sócio-cognitivo, foi analisado o melhor desempenho nas áreas de Intenção Comunicativa Gestual, Intenção Comunicativa Vocal, Uso de Objeto Mediador, Imitação Gestual, Imitação Vocal, Jogo Combinatório e Jogo Simbólico dos dez sujeitos nas duas salas.

Como indica a Tabela 20, não houve diferença estatisticamente significativa quanto ao desempenho sócio-cognitivo, para os dez sujeitos, nas duas salas estudadas. Vale lembrar que, para a análise de cada área do desempenho sócio-cognitivo, considerou-se o melhor desempenho de cada sujeito em cada uma das salas estudadas, desta forma não foi possível realizar o tratamento estatístico dos sujeitos individualmente, apenas aplicou-se o teste para os dez sujeitos para garantir que não houve diferença estatisticamente significativa entre as salas.

Contudo, foi observado que um maior número de sujeitos apresentou melhor desempenho na sala NIC, quanto à área de Imitação Vocal (60% dos sujeitos) e a metade deles (50% dos sujeitos) para a área de Imitação Gestual, sendo que apenas 20% dos sujeitos apresentaram

melhor desempenho na sala comum e os demais 30% apresentaram desempenho igual nas duas salas, como indicam as tabelas 18 e 19. Esses dados confirmam a afirmação de Fernandes (2003) de que contextos físicos, como mesa e cadeiras, tendem a proporcionar menos possibilidades de expressão gestual do que ambientes amplos, como a sala NIC.

Na área de Intenção Comunicativa Gestual a maior parte dos sujeitos apresentou desempenho semelhante na sala comum e na sala NIC, evidenciando que este aspecto não apresentou variação em decorrência do contexto ambiental. Apesar de não ter estudado contextos ambientais diferentes, mais sim diferentes situações, espontânea e dirigida, Molini (2001), também não observou diferença nesta área tanto em situação espontânea como na situação dirigida, provavelmente porque a criança não precisaria fazer uso de gestos para conseguir o brinquedo, uma vez que havia diversos brinquedos em seu alcance.

A maioria dos sujeitos (70%) deste estudo apresentou desempenho semelhante em Intenção Comunicativa Vocal na sala comum e na sala NIC, demonstrando que o contexto ambiental não interferiu neste aspecto. No entanto, Molini (2001), afirma que, quando a criança tem linguagem verbal, ela provavelmente vai utilizá-la em algum momento durante os trinta minutos de filmagem, indicando que este aspecto poderá ocorrer independente do contexto ambiental.

O Uso do Objeto Mediador, não ocorreu na coleta de dados com os sujeitos 3, 5 e 10 (30%) e o pior desempenho foi observado nos

sujeitos 1, 2, 7 e 9 (40% dos sujeitos) nas salas comum e sala NIC, sendo que o melhor desempenho foi observado nos sujeitos 6 e 8 (20%) na sala NIC e apenas o sujeito 4 (10%) apresentou melhor desempenho na sala comum. Esses dados confirmam os achados de Molini (2001) que destaca o pior desempenho deste aspecto em situações comunicativas espontâneas. A autora afirma, ainda, que a situação espontânea, não propicia o Uso do Objeto Mediador para conseguir um objeto desejado, pois os brinquedos normalmente estão ao alcance da criança, como ocorreu nas duas salas estudadas.

A maioria dos sujeitos (70%) apresentou desempenho semelhante nas duas salas estudadas para Jogo Combinatório. Esses dados podem ser comparados aos achados de Molini (2001) que afirma que a situação espontânea favorece o aparecimento do Jogo Combinatório e que nesta situação a terapeuta procura contextualizar todas as atividades e que há preocupação em relacionar as atividades ou os brinquedos, como aconteceu na terapia de linguagem nas salas NIC e comum, visto que a situação comunicativa e espontânea permaneceu a mesma.

Dos dez sujeitos estudados, seis (60%) apresentaram desempenho em jogo simbólico semelhante nas duas salas, os demais sujeitos 1, 2, 3 e 7 (40%) apresentaram melhor desempenho em Jogo Simbólico na sala NIC. Os estudos de Molini (2001) indicam que os sujeitos do espectro autístico apresentam melhor desempenho para jogo simbólico na situação de teste do que na situação espontânea, uma vez

que na situação de teste o material utilizado e a atividade proposta proporcionam o aparecimento do Jogo Simbólico. No presente trabalho, a sala NIC parece favorecer o aparecimento do Jogo Simbólico, visto que os materiais (brinquedos) estavam expostos de acordo com a sua funcionalidade e estavam ao alcance da criança.

No presente estudo foi possível observar que o contexto ambiental, tanto da sala NIC como da sala comum, não interferem na qualidade e na quantidade de jogos simbólicos apresentados pela criança e que as situações comunicativas é que parecem facilitar e promover o aparecimento do jogo simbólico. Esses achados concordam com a afirmação de Rescorla e Goossens (1992) sobre a influência do contexto social na produção do jogo simbólico.

Ribeiro (2004) também observou que as crianças autistas são capazes de produzir jogo simbólico independente do brinquedo apresentado.

5.3. Correlações entre Perfil Funcional da Comunicação e Desempenho Sócio-Cognitivo na Sala NIC e na Sala Comum

Das correlações estatisticamente significativas entre o número de atos comunicativos por minuto e outros aspectos do perfil funcional da comunicação e o desempenho sócio-cognitivo nas duas salas, 13 correlacionaram-se positivamente com a sala NIC, de acordo com as Tabelas 21 e 22.

A correlação entre o uso funcional da comunicação e os aspectos sócio-cognitivos também foi observada por Fernandes, Molini e Barrichelo (1997) e Fernandes (2002) e confirma a interdependência entre os aspectos lingüístico, cognitivo e social (Bates, 1979). Esses achados indicam as relações entre o desenvolvimento de linguagem e habilidades cognitivas e sociais apoiando as idéias de Perissinoto (2003).

Cardoso (2004) e Molini-Avejonas (2004) também encontraram correlações entre o melhor desempenho sócio-cognitivo e alguns aspectos do uso funcional da comunicação.

Ribeiro (2004) também menciona a correlação entre o uso funcional da comunicação e os aspectos sócio-cognitivos, ao concluir que as dificuldades de comunicação observadas nas crianças autistas estão relacionadas à funcionalidade da comunicação e aos aspectos subjacentes a ela: cognição e socialização e não apenas relacionadas ao processo de aquisição.

Os dados deste estudo (tabelas 21 e 22) apontam para um número maior de correlações estatisticamente significativas na sala NIC, sugerindo que o contexto ambiental dessa sala interfere positivamente nas áreas investigadas do desempenho sócio-cognitivo. Os dados parecem apontar para uma maior consistência dos resultados na sala NIC indicando que este ambiente propicia situações mais organizadas e mais próximas do normal.

Quanto à ocupação do espaço comunicativo e outros aspectos do perfil funcional da comunicação e do desempenho sócio-cognitivo, os

dados não se correlacionam de forma significativa. Este achado demonstra que o contexto ambiental não interfere na ocupação do espaço comunicativo e reitera a importância do contexto comunicativo para a interação entre terapeuta e paciente (efetividade da comunicação). Essa afirmação pode ser apoiada pelos achados de Cardoso (2004), que relata que sujeitos autistas percebem as peculiaridades de diferentes situações comunicativas.

De maneira geral, houve um número baixo de correlações entre os aspectos sócio-cognitivos e o perfil funcional da comunicação de crianças com TEA na sala NIC e na sala comum, dado também observado por Fernandes (2002) e Molini-Avejonas (2004), que ressaltam o número muito baixo de correlações entre os aspectos sócio-cognitivos e as variáveis do perfil funcional da comunicação em crianças autistas e sugerem que este dado se deva à dificuldade pragmática apresentada por essas crianças.

Quanto às funções comunicativas expressadas, os dados evidenciam que é possível observar um maior número de correlações positivas do que negativas para cada função tanto na sala NIC como na sala comum, independentemente se forem consideradas as funções mais interpessoais ou não, como demonstrado nas tabelas 24 e 25.

Os achados deste estudo indicam correlações significativas entre o percentual do meio comunicativo verbal e a utilização de outros meios comunicativos e a imitação gestual nas duas salas. Esses resultados apontam que quanto maior a proporção de verbalizações

menor a ocorrência dos meios, vocal e gestual. Esses dados corroboram os achados de Fernandes (2002 p. 94), que comenta que a “redundância dos meios comunicativos não aumenta a eficácia da comunicação de sujeitos autistas”. Molini-Avejonas (2004) também observou a correlação entre os atos comunicativos expressos pelo meio verbal com todos os aspectos sócio-cognitivos.

Quanto aos aspectos sócio-cognitivos, os dados apontam para um pequeno número de correlações positivas nas duas salas. Este dado pode ser apoiado por Fernandes (2002) que afirma que a grande dispersão de resultados, no que se refere ao grupo, indica as grandes variações individuais, característica desta população.

De modo geral, houve um número pequeno de resultados estatisticamente significativos no presente estudo, porém este dado não indica a desvalorização dos resultados obtidos. Pesquisas acerca do desenvolvimento de linguagem com indivíduos do espectro autístico também encontraram poucos resultados estatisticamente significativos (Fernandes, 2002; 2003d; Molini-Avejonas, 2004). Entretanto os resultados desta pesquisa indicam que a ausência de diferenças significativas, adquire importância no delineamento de pesquisas a respeito de crianças autistas e, principalmente na proposição de condições de intervenção, na medida em que sugerem as reais necessidades do ambiente para este tipo de intervenção. Ou seja, não há necessidade de um ambiente especificamente preparado para esta

atividade, mas este ambiente também não prejudica o processo terapêutico.

5.4. Aglomerados Significativos (Clusters)

Os resultados obtidos na formação dos aglomerados permitiram identificar semelhanças e diferenças entre os sujeitos. A análise de aglomerados confirmou a existência de grandes variações individuais. Essas diferenças também foram relatadas por Fernandes (2002) e Salle et al. (2002) como uma das características da população incluída no espectro autístico.

Inicialmente, é possível observar que são as variáveis do perfil funcional da comunicação que mais influenciam na formação dos aglomerados e não os aspectos sócio-cognitivos. É importante notar, também, que as salas não determinam a formação dos clusters, mais sim as variações individuais.

Sendo assim, o primeiro critério utilizado para a formação dos aglomerados quanto ao perfil funcional da comunicação foi a presença ou ausência de comunicação verbal. O segundo critério foi a maior ou menor quantidade de atos comunicativos utilizados pelos sujeitos, e o último foi a porcentagem de meios gestuais utilizados por eles. Esses achados permitem caracterizar os problemas de comunicação como centrais dentro do espectro autístico (Bishop, 1989).

É possível verificar que a maioria dos sujeitos estudados (80%) apresentou comunicação verbal e apenas 20% deles não apresentaram nenhuma emissão verbal. Outro dado diz respeito ao menor número de atos comunicativos por minuto observados na maioria dos sujeitos estudados (70%), confirmando a dificuldade de interação social destes sujeitos. Estes dados também foram observados por Molini-Avejonas (2004).

O aglomerado seguinte identifica o uso predominante do meio gestual utilizado pelos sujeitos desta pesquisa e corrobora os achados de Fernandes (2002).

Os dados obtidos por meio dos clusters exigem uma análise minuciosa das características de indivíduos do espectro autístico. Neste estudo as alterações de linguagem e interação social ficaram mais evidentes. Estes achados também foram encontrados por Molini-Avejonas (2004).

É interessante observar, ainda, que os aglomerados formaram três grupos distintos (linhas A, B e C). No entanto estes grupos permitem identificar principalmente alterações quanto o perfil funcional da comunicação, conforme discutido anteriormente.

A identificação dessas diferenças por meio dos clusters reitera a necessidade de uma análise individualizada de cada sujeito e a possibilidade de identificar suas dificuldades e possibilitar um planejamento terapêutico mais apropriado para cada caso (Cardoso, 2001; Fernandes, 2002; Molini-Avejonas, 2004).

Conclusão

6. CONCLUSÃO

A hipótese desta pesquisa, de que crianças com TEA podem apresentar melhor desempenho comunicativo num ambiente estruturado, funcional e familiar à criança não foi confirmada.

O objetivo deste estudo foi o de analisar a interferência do contexto ambiental no desempenho funcional da comunicação de crianças e adolescentes com transtornos do espectro autístico. Os resultados demonstraram que o contexto ambiental não interfere significativamente no desempenho funcional da comunicação de indivíduos com TEA, e é possível hipotetizar que a diferença no desempenho estaria relacionada ao interlocutor, além das variações individuais frequentemente mencionadas.

Este estudo também comparou o perfil funcional da comunicação e o desempenho sócio-cognitivo em dois ambientes diferentes de terapia de linguagem (sala comum e sala NIC). No entanto, não foram encontrados resultados estatisticamente significativos, que pudessem identificar qual dos ambientes favorece o desempenho comunicativo de sujeitos do espectro autístico.

Apesar do baixo número de correlações possíveis, os achados deste estudo permitiram observar que o contexto ambiental parece relacionar-se ao desempenho em aspectos sócio-cognitivos, pois a maioria das correlações possíveis ocorreu com a sala NIC. Provavelmente este dado esteja relacionado ao tipo de atividade

observada para o desempenho sócio-cognitivo e as possibilidades apresentadas pelo ambiente físico da sala NIC.

Desta forma, a criação de ambientes físicos pré-estabelecidos ou materiais específicos não são e não devem ser considerados imprescindíveis para a terapia de linguagem.

No entanto, a ausência de um grande volume de dados estatisticamente significativos não indica que os resultados não sejam expressivos, e reitera a necessidade de novas pesquisas na área.

É possível concluir que o contexto ambiental não interfere significativamente no desempenho funcional da comunicação de indivíduos do espectro autístico. Esses resultados permitem propor novos estudos acerca do contexto ambiental com sujeitos com outras desordens de comunicação, a fim de analisar se o contexto ambiental interfere no desempenho comunicativo desses sujeitos e também compará-los com indivíduos autistas.

Outras pesquisas possíveis poderiam investigar outras desordens de comunicação ou estudar com um desses contextos variando outros fatores, como por exemplo, o interlocutor. Algumas sugestões envolveriam as seguintes questões: A mãe ou terapeuta na sala NIC poderiam produzir um resultado diferente? Existe diferença entre a sala comum e a sala NIC com crianças autistas e não autistas e com interlocutor familiar e não familiar? Como este ambiente interfere no contexto comunicativo? Crianças normais e com Distúrbio específico de linguagem responderiam diferentemente ao contexto ambiental?

Por outro lado, um estudo longitudinal poderia favorecer a identificação da interferência do contexto ambiental na população aqui estudada, visto que nesta pesquisa a análise foi transversal.

É importante salientar, também, que os instrumentos utilizados para coleta de dados desta pesquisa; protocolo de pragmática e do desempenho sócio-cognitivo foram extremamente valiosos e imprescindíveis para que se pudesse estabelecer com fidedignidade a interferência, ou não, do contexto ambiental em crianças com TEA.

A partir da presente pesquisa fica evidente a necessidade de novos estudos na área, para que se possa estabelecer quais são as diferentes variáveis que interferem significativamente no contexto comunicativo e assim determinar contextos mais adequados e estratégias terapêuticas mais eficientes para o atendimento a crianças com Transtornos do Espectro Autístico.

Desta forma, a busca por modelos de intervenção para crianças do espectro autístico ainda exige estudos minuciosos; por outro lado o investimento na formação de terapeutas de linguagem também representa uma área importante a ser pesquisada.

Anexos

7. ANEXOS

ANEXO A

Título do Projeto: Terapia da Linguagem: investigação dos aspectos sócio-cognitivos e pragmáticos em crianças com distúrbios psiquiátricos

Autor(a): Andréa Regina Nunes Misquiatti

Observação: Projeto de pesquisa desenvolvido no Programam de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

PARECER

Tendo em vista o parecer favorável exarado pelo parecerista, e considerando que a documentação atende aos requisitos preconizados pela Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996, bem como o Termo de Consentimento Esclarecido encontra-se minuciosamente elaborado e em linguagem acessível de modo a cumprir plenamente a função a que se destina, este Comitê de Ética em Pesquisa, em reunião ordinária de 11 de fevereiro de 2004, deliberou pela aprovação do referido expediente, sobre protocolo nº 968/2003.

Marília, 03 de março de 2004.

SIMONE APARECIDA CAPELLINI
Presidente do Comitê Permanente de Ética em Pesquisa

Nome do Dirigente da Instituição: MARIA CANDIDA SOARES DEL MASSO

Assinatura:

ANEXO B

Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Filosofia e Ciências - Câmpus de Marília

TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO**I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA
OU RESPONSÁVEL LEGAL**

NOME DO PACIENTE:.....>>>>.....
DOCUMENTO DE IDENTIDADE N°:.....SEXO: M () F ()
DATA DE NASCIMENTO:...../...../.....
ENDEREÇO:.....N°.....
BAIRRO:.....CIDADE:.....
CEP:.....TELEFONE: DDD (.....).....

II – DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA

1. TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA: A interferência do contexto ambiental no desempenho funcional da comunicação de crianças com transtornos do espectro autístico.
2. PESQUISADOR: Andréa Regina Nunes Misquiatti
CARGO/FUNÇÃO: Professora Assistente INSCRIÇÃO CRF^a-SP N°6132
UNIDADE DA UNESP: Curso de Fonoaudiologia – Campus de Marília

3. AVALIAÇÃO DO RISCO DA PESQUISA:

SEM RISCO (X)	RISCO MÍNIMO	RISCO MÉDIO
RISCO BAIXO	RISCO MAIOR	

(probabilidade de que o indivíduo sofra algum dano como consequência imediata ou tardia do estudo)

4. DURAÇÃO DA PESQUISA: 36 meses

**III - REGISTRO DAS EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PACIENTE OU SEU
REPRESENTANTE LEGAL SOBRE A PESQUISA, CONSIGNADO:**

1. Justificativa e os objetivos da pesquisa; 2. Procedimentos que serão utilizados e propósitos, incluindo a identificação dos procedimentos que são experimentais; 3. Desconfortos e riscos esperados; 4. Benefícios que poderão ser obtidos; 5. Procedimentos alternativos que possam ser vantajosos para o indivíduo.

Esta pesquisa procura definir qual a melhor forma de colher dados a respeito do desenvolvimento e da comunicação de crianças com distúrbios psiquiátricos. Para isso serão filmadas oito sessões de terapia de linguagem com cada criança. Essa pesquisa não envolve riscos ou desconforto e poderá oferecer informações importantes para avaliação e a terapia de linguagem.

IV - ESCLARECIMENTO DADOS PELO PESQUISADOR SOBRE GARANTIAS DO SUJEITO DA PESQUISA:

1. acesso, a qualquer tempo, às informações sobre procedimentos, risco e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para dirimir eventuais dúvidas: SIM
2. liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e de deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuidade da assistência: SIM
3. salvaguarda da confidencialidade, sigilo e privacidade: SIM
4. disponibilidade de assistência na UNESP, por eventuais danos à saúde, decorrentes da pesquisa: NÃO É O CASO DESTA PESQUISA
5. viabilidade de indenização por eventuais danos à saúde decorrentes da pesquisa: NÃO É O CASO DESTA PESQUISA.

V - INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE INTERCORRÊNCIAS CLÍNICAS E REAÇÕES ADVERSAS

ANDRÉA REGINA NUNES MISQUIATTI

AVENIDA VICENTE FERREIRA, N°
BAIRRO CASCATA – MARÍLIA – S.P.
TEL: (014) 3433-0231 / 3423-6399 R: 28

VI- OBSERVAÇÕES COMPLEMENTARES:

HÁ DISPONIBILIDADE DE ASSISTÊNCIA NOS SERVIÇOS DO CURSO DE FONOAUDIOLOGIA DA UNESP – MARÍLIA.

VII - CONSENTIMENTO PÓS- ESCLARECIDO

Declaro que, após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Protocolo de Pesquisa.

Marília, de de

assinatura do sujeito da pesquisa
ou responsável legal

assinatura do pesquisador
(carimbo ou nome legível)

ANEXO C

[illegible]

ANEXO D

Ficha-Resumo de Observação dos Aspectos Sócio-Cognitivos

Nome:		Idade:	Terapeuta:
nº da fita:	Diagnóstico:		Data:
ASPECTOS SÓCIO-COGNITIVOS			NÍVEL DE DESEMPENHO
Intenção comunicativa gestual:			1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6
Intenção comunicativa vocal:			1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6
Uso de objeto mediador:			1 - 2 - 3 - 4
Imitação gestual:			1 - 2 - 3 - 4
Imitação vocal:			1 - 2 - 3 - 4
Jogo combinatório:			1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6
Jogo simbólico:			1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6

ANEXO E

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Faculdade de Filosofia e Ciências
- Câmpus de Marília -
Centro de Estudos da Educação e da Saúde

Ofício CEES- 34/03

Marília, 25 de abril de 2003.

Prezada Senhora,

Sirvo-me do presente para informar que o seu projeto de pesquisa “Terapia da Linguagem: Investigação dos aspectos sócio-cognitivos e pragmáticas em crianças com distúrbios psiquiátricos”, receberá desta Unidade Auxiliar suporte para o seu desenvolvimento dentro das condições disponíveis.

Cumpre-me esclarecer que, de acordo com as normas do CEES, todos os projetos aprovados para serem desenvolvidos na Unidade serão cadastrados, obedecendo ao procedimento padronizando de apreciação inicial pelo CD/CEES e acompanhamento do seu desenvolvimento. Projeto aprovado em reunião realizada em 24/04/2003.

Apresentando, na oportunidade, os protestos de estima e consideração, subscrevo-me.

Atenciosamente,

Dra. Tania Moron Saes Braga
Supervisora do CEES

Ilma Sra.

Andréa Regina Nunes Misquiatti
Departamento de Fonoaudiologia
Unesp- Câmpus de Marília

ANEXO F

Sala NIC

Sala comum

ANEXO G

FICHA DE CONTROLE DE FILMAGEM

IDENTIFICAÇÃO

Nome do paciente:.....Sexo:..M ()..F ()
Data de Nasc:.....Idade:.....N ° do Prontuário:.....
Escolaridade:..... Tempo de terapia fonoaudiológica:.....
Terapeuta:..... HD:.....
Dia da terapia:.....Horário de atendimento:.....
Fone:.....

DATA DA FILMAGEM	SALA: NIC/COMUM	FITA N°	COMENTARIO:

OBSERVAÇÕES:

ANEXO H – Concordância dos Juízes

Tabela 1 – Concordância entre juízes e pesquisadora nos aspectos do perfil funcional da comunicação

	JUIZ 1								JUIZ 2							
	S10	S2	S6	S9	S2	S7	S2	S9	S10	S2	S6	S9	S2	S7	S2	S9
SALA	NIC	NIC	NIC	NIC	C	C	C	C	NIC	NIC	NIC	NIC	C	C	C	C
ATOS	98,84	98,67	98,89	97,17	98,00	98,86	98,97	98,37	98,74	98,43	98,84	98,15	97,55	98,74	99,00	98,00
VE	98,76	98,62	98,97	96,00	97,91	98,90	98,29	98,12	98,63	98,04	98,90	97,00	97,00	98,49	97,93	98,78
VO	99,60	97,60	97,50	100	98,12	97,00	99,35	98,35	97,50	96,80	97,50	100	97,35	99,74	92,31	98,35
G	97,78	98,89	98,79	96,86	99,19	98,75	98,79	98,67	98,81	98,85	98,73	98,43	96,44	98,94	98,85	98,42
FNI	98,81	98,55	98,00	98,09	98,80	98,92	98,62	98,72	98,62	98,66	98,50	97,81	97,69	98,77	98,80	98,72
FI	98,67	98,86	98,93	98,04	98,14	98,89	98,91	98,85	96,00	98,74	98,88	98,83	98,61	98,73	98,67	98,74
TOTAL	98,74	98,53	98,51	97,69	98,36	98,55	98,82	98,51	98,05	98,25	98,56	98,37	97,44	98,90	97,59	98,50

Tabela 2 – Concordância entre juízes e pesquisadora nos aspectos do desempenho sócio-cognitivo

ICG	100	99,75	99,80	99,75	100	100	100	100	100	100	99,80	100	100	97,75	100	99,75
ICV	99,67	100	100	100	100	100	100	99,75	100	100	99,67	100	100	100	100	100
UM	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
IG	100	99,5	100	100	100	99,50	100	100	100	99,50	100	100	100	100	100	99,67
IV	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
JC	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
JS	100	100	100	100	100	100	100	100	99,67	100	100	100	100	100	100	100
TOTAL	99,95	99,92	100	100	100	99,92	100	99,96	99,95	99,92	99,95	100	100	100	100	99,95

Tabela 3 - Concordância total entre juízes e pesquisadora em todos os aspectos investigados

	Juiz 1	Juiz 2	Total
Pragmática	98,47	98,21	98,34
Sócio-Cognitivo	99,97	99,97	99,97

Legenda TABELA 1

Atos: número de atos comunicativos por minutos
G: gestual FNI: funções não interpessoais

VE: verbal VO: vocal
FN: funções interpessoais

Legenda TABELA 2

ICG = intenção comunicativa gestual
UOM = uso do objeto mediador
IV = imitação vocal
JS = jogo simbólico

ICV = intenção comunicativa vocal
IG = imitação gestual
JC = jogo combinatório

ANEXO I

FICHA-RESUMO INDIVIDUAL - CRIANÇA

MEIO E FUNÇÃO COMUNICATIVA											
Nome:				idade:				data:			
nº da fita:			diagnóstico:					terapeuta:			
Função	meio	Nº	%	função	Meio	Nº	%	função	meio	Nº	%
	VE				VE				VE		
PO	VO			PS	VO			PI	VO		
	G				G				G		
	VE				VE				VE		
RO	VO			C	VO			N	VO		
	G				G				G		
	VE				VE				VE		
EX	VO			NF	VO			XP	VO		
	G				G				G		
	VE				VE				VE		
EP	VO			PA	VO			PC	VO		
	G				G				G		
	VE				VE				VE		
PR	VO			E	VO			AR	VO		
	G				G				G		
	VE				VE				VE		
PE	VO			JC	VO			J	VO		
	G				G				G		
	VE				VE				VE		
NA	VO			RE	VO						
	G				G						

Nº total de atos comunicativos:

Nº de atos comunicativos da criança (C): n= - (%) – atos comunicativos por minuto

Nº de atos comunicativos do adulto (A): n= - (%)

Referências Bibliográficas

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adams C. Practitioner review: the assessment of language pragmatics. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*; 2002; (43):973-87.

Amato CAH. *Estudo comparativo dos processos de aquisição da linguagem não verbal em crianças pré verbais autistas e normais*. [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo; 2000.

American Psychiatric Association. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – DSM IV.*, 4a ed., Porto Alegre: Artmed; 2000.

American Psychiatric Association. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – DSM IV-TR.*, 4a ed. rev., Porto Alegre: Artmed; 2002.

Araújo, CA. *O processo de individuação no autismo*. São Paulo: Memnon; 2000.

Asperger, H. *Die “autistischen Psychopathen” im Kindersalter*. Arch. Psychiatr. Nervenkrank; 1944; (117):76-136

Assumpção Jr. FB. Conceito e classificação das síndromes autísticas. In: Schwartzman S, Assumpção, FB et al. *Autismo infantil*. São Paulo: Memnon; 1995. p. 3-16.

Austin JL. *Quando dizer é fazer – palavras e ação*. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho do original em inglês “How to do things words” (1962); Porto Alegre: Artes Médicas; 1990.

Baron-Cohen S, Leslie AM, Frith U. Does the autistic child have a theory of mind? *Cognition*, 1985; (24): 37-46.

Baron-Cohen S, Swettenham J. Theory of mind in autism: Its relationship to executive function and central coherence. In: Cohen DJ, Volkmar F. *Handbook of autism and pervasive developmental disorders*. 2a ed. New York: John Wiley & Sons; 1997; p.880-93.

Bartak L, Cleary M, Portaro M. Pragmatic deficits in children with autism spectrum disorders. *Journal Intellectual Disability Research*, 2004; 48:326.

Bates E. Pragmatics and sociolinguistics in child language. *Language deficiency in children: selected reading*, 1976; p.411-63.

Bates E. On the evolution and developmental of symbols. In: Benigni, Bretherton, Camaioni, Volterra, editors. *The emergence of symbols: cognition and communication in infancy*. New York Academic Press; 1979.

Befi-Lopes DM, Araújo K, Fernandes FDM, Gerbelli AE. Comparação de desempenho de crianças autistas em teste de vocabulário: uso de figuras e miniaturas. *Rev. Soc. Bras. Fonoaudiol.*, 2004; (9):19-24.

Bernard-Opitz V, Ing S, Kong TY. Comparison of behavioural and natural play interventions for young children with autism. *Autism*, 2004; v.8:319-33.

Bishop DVM. Autism, Asperger's syndrome and semantic-pragmatic disorder where are the boundaries? *Br. J. Dis. Communic.*, 1989; v.24:107-21.

Bosco F, Bucciarelli M, Bara B. The fundamental context categories in understanding communicative intention. *Journal of Pragmatics*, 2004; (36):467–88.

Cardoso C. *Espectro autístico: o perfil comunicativo e o desempenho sócio-cognitivo em diferentes situações comunicativas*. [tese]. São Paulo: Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo; 2004.

Cardoso C, Fernandes FDM. Terapia de linguagem com crianças do espectro autístico: comparação entre dois modelos de atendimento.

Temas sobre desenvolvimento, 2003a; 11(66):34-8

Cardoso C, Fernandes FDM. Uso de funções comunicativas interpessoais e não interpessoais em crianças do espectro autístico. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*. 2003b; 15(2):279-86.

Cardoso C, Fernandes FDM. Comunicação de crianças do espectro autístico em atividades em grupo. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*. 2004; 16(1): 67-74.

Cardoso C, Fernandes FDM. Relação entre os aspectos sócio-cognitivos e perfil funcional da comunicação em um grupo de adolescentes do espectro autístico. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*. 2006; 18(1): 89-98.

Cervone LM, Fernandes FDM. Análise do perfil comunicativo de crianças de 4 e 5 anos na interação com adulto. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*; 2005, 10(2): 97-105.

Corradi AM. *Autismo e terapia fonoaudiológica – variáveis envolvidas nos resultados deste processo*. [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 2004.

Craig HK. Deficiências pragmáticas. In: Fletcher P, Macwhinney B. *Compêndio da linguagem da criança*. Porto Alegre: Artes Médicas; 1997. Cap. 23, p.503-516.

Fernandes FDM. *Aspectos funcionais da comunicação de crianças com síndrome autística*. [tese]. São Paulo; Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; 1995.

Fernandes FDM. *Autismo infantil: repensando o enfoque fonoaudiológico*. São Paulo: Lovise; 1996. 96p.

Fernandes FDM. Terapia de linguagem. In: Fernandes FDM, Pastorello LM, Scheuer CI. *Fonoaudiologia em distúrbios psiquiátricos da infância*. São Paulo: Lovise; 1996, p.201-16.

Fernandes FDM, Molini, DR, Barrichelo, VMO. Aspectos funcionais e correlatos sociocognitivos na terapia fonoaudiológica para autismo infantil – um estudo preliminar. *Infanto – Rev. Neuropsiq. da Inf. e Adol*, 1997; 5(2):77-83.

Fernandes FDM. Os atrasos de aquisição de linguagem. In: Goldfeld M (org). *Fundamentos em Fonoaudiologia: Linguagem*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 1998, p.22-37.

Fernandes FDM. Sistematização de dados referentes à atuação fonoaudiológica em hospital-dia infantil – O perfil comunicativo como indicador de desempenho. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*, 2000;.12(1):1-8.

Fernandes FDM. Pragmática. In: Andrade CRF et al. ABFW - teste de linguagem infantil nas áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática. Carapicuíba, *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*; 2000a. Cap. 4, p.77-89.

Fernandes FDM. *Atuação fonoaudiológica com crianças com transtornos do espectro autístico*. [tese livre docência]. São Paulo; Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo; 2002.

Fernandes FDM. Autismo e outros distúrbios psiquiátricos da infância. In: Andrade CRF. *Fonoaudiologia em pediatria*. São Paulo: Sarvier; 2003; p.95-102.

Fernandes FDM. Distúrbios da linguagem em autismo infantil. In: *Fonoaudiologia informação para formação; Linguagem: desenvolvimento normal, alterações e distúrbios*. Limongi SC. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2003a, p. 65-86.

Fernandes FDM. Sugestões de procedimentos terapêuticos de linguagem em distúrbios do espectro autístico. In: *Fonoaudiologia informação para*

formação: *Procedimentos terapêuticos em Linguagem*. Limongi SC. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2003b, p. 54-65.

Fernandes FDM. Terapia de linguagem com crianças com transtornos do espectro autístico: estudo transversal. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*; 2003c, 8(1): 49-56.

Fernandes FDM. Estudo longitudinal da oficina de linguagem como proposta de intervenção para crianças com transtornos do espectro autístico. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*; 2003d, 8(2): 64-72.

Fernandes FDM. Terapia de linguagem em crianças com transtornos do espectro autístico. In: Ferreira LP; Befi-Lopes DM, Limongi, SCO. *Tratado de Fonoaudiologia*. São Paulo: Roca; 2004, p. 941-953.

Fernandes FDM. Resultados de terapia fonoaudiológica com adolescentes com diagnóstico inserido no espectro autístico. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*, 2005;.17(1):67-76.

Frith U. Autism – *Explaining the enigma*. Oxford and Cambridge, Basil Blackwell, 1989.

Gilberg C. Autism and pervasive developmental disorders. *J Child Psychol Psychiatr*. 1990; 31 (1): 99-119.

Grice HP. Lógica e Conversação. Tradução de Geraldi JW, do original em inglês "Logics and Conversation (1967). In: Dascal M. (org) *Fundamentos Metodológicos da Lingüística*. Vol. IV: Pragmática – Problemas, Críticas, Perspectivas da Linguística – Bibliografia. Campinas; 1982, p. 81-103.

Halliday MK. *Learning how to mean*. Londres: Eward Arnold; 1975.

Hwang B, Hughes C. The effects of social interactive training on early social communicative skills of children with autism. *Journal of Autism and Developmental Disorders*; 2000, 30(4):331-35.

Kalra V, Seth R, Sapra S. Autism - Experiences in a tertiary care hospital. *Indian J Pediatr*; 2005, 72:227-230.

Kanner L. Autistic Disturbance of affective contact. *Nervous Child*; 1943, (2):217-250.

Kanner L. Early infantile autism (1943-1955). *Am. J. Orthopsychiat*; 1956, (26):55-65.

Keller-Cohen D. Context in child language. *Annual Review of Anthropology*; 1978, (7):453-82.

Kyrtzis A, Ervin-Tripp S. The development of discourse markers in peer interaction. *Journal of Pragmatics*; 1999, (31):1321-28.

Lord C, Risi S. Diagnosis of autism spectrum – disorders in young children. In: Wetherby AM, Prizant BM. (eds.) *Autism spectrum disorders – a transactional developmental perspective*. Baltimore: Paul Brooks; 2001, p.11-30.

Loveland KA, Landry SH. Joint attention and language in autism and developmental language delay. *Journal of Autism and Developmental Disorders*; 1986, 16(3):335-49.

McConnell SR. Interventions to facilitate social interaction for young children with autism: review of available research and recommendations for educational intervention and future research. *Journal of Autism and Developmental Disorders*; 2002, 32(5):351-372.

Molini DR. *Verificação de diferentes modelos de coleta de dados dos aspectos sócio-cognitivos na terapia fonoaudiológica de crianças com distúrbios psiquiátricos*. [dissertação]. São Paulo:Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo; 2001.

Molini, DR, Fernandes, FDM. Teste específico para análise sócio-cognitiva de crianças autistas: um estudo preliminar. *Temas sobre desenvolvimento*; 2001, 9 (54): 5 -13.

Molini-Avejonas, DR. *Perfil funcional da comunicação de crianças com autismo, síndrome de Down e normais pareadas pelo desempenho sócio-cognitivo*. [tese]. São Paulo: Faculdade de Medicina. Universidade de São Paulo; 2004.

Noens I, Van Berckelaer-Onnes I. Making sense in a fragmentary word: communication in people with autism and learning disability. *Autism*.; 2004, 8(2):197-218.

Ochs Keenan E, Schieffelin B. Topics as a discourse notion: a study of topic in the conversations of children and adults, In: Ochs Keenan E, Schieffelin B. *Acquiring conversational competence*. London: Routledge & Kegan Paul ed; 1983, 5: 66-113.

OMS (Organização mundial da saúde). *Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10*: Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Porto Alegre:Artes Médicas; 1993.

Ozonoff S. Causal mechanisms of autism: unifying perspectives from an information-processing framework. In: Cohen DJ, Volkmar F. *Handbook of autism and pervasive developmental disorders*. 2a ed. New York: John Wiley & Sons; 1997, p.868-879.

Perissinoto J. Distúrbios da linguagem. In: Scharzman JS et al. *Autismo infantil*, São Paulo: Memnon; 1995. Cap 4. p 101-110.

Perissinoto J. Linguagem da criança com autismo. In: Perissinoto J, organizador. *Conhecimentos essenciais para atender bem as crianças com autismo*, São José dos Campos: Pulso; 2003, Cap 4. p.39-44.

Perissinoto J. Diagnóstico de linguagem em crianças com transtornos do espectro autístico. In: Ferreira LP, Befi-Lopes DM, Limongi SCO. *Tratado de Fonoaudiologia*; São Paulo: Roca; 2004, p.933-940.

Prizant BM. Language acquisition and communication behavior in autism: toward and understanding of the “whole of it”. *J Speech Hear Disord*; 1983, (48):296-300.

Rapin I, Dunn M. Update on the language disorders of individuals on the autistic spectrum. *Brain & Development*; 2003, (25):166-72.

Rescorla L, Goossens M. Symbolic play development in toddlers with expressive specific language impairment (SLI-E). *Journal of Speech and Hearing Research*; 1992, 35(12):1290-1302.

Ribeiro SL. *Linguagem e jogo simbólico em crianças normais e do espectro autístico*. [dissertação], São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2004.

Rocha LC. *Análise de habilidades pragmáticas em crianças com desenvolvimento normal e com distúrbio específico de linguagem*. [dissertação], São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2004.

Rodrigues A. *Aspectos semânticos e pragmáticos nas alterações de desenvolvimento de linguagem*. [dissertação], São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2002.

Rogers SJ. Hepburn SL. Stackhouse T. Wehner E. Imitation performance in toddlers with and those with other developmental disorders. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*; 2003, 44(5):763-781.

Rollins PR, Wambacq I. Dowell D, Mathews L, Reese PB. An intervention technique for children with autistic spectrum disorder: joint attentional routines. *J Commun Disord.*; 1998, (31):181-92.

Rosner B, *Fundamentals of Biostatistics*, Boston: Duxbury Press, p.242-4, 1986.

Ruble LA. Analysis of social interactions as goal –directed behaviors in children with autism. *Journal of Autism and Developmental Disorders*; 2001, (31):471-482.

Rutter M. Cognitive deficits in the pathogenesis of autism. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*; 1983, (24): 513-531.

Ryckebusch C, Marcos H. Speech acts, social context and parent-toddler play between the ages of 1;5 and 2;3. *Journal of Pragmatics*; 2004, (36):883–897.

Salle E, Sukiennik PB, Salle AG, Onófrio RF, Zuchi A. Autismo infantil - sinais e sintomas. In: Camargos Jr W et al. *Transtornos invasivos do desenvolvimento: 3º milênio*. Brasília: Ministério da justiça, Coordenadoria Nacional para Integração da pessoa portadora de deficiência, AMES, ABRA; 2002, Cap 1. p 11-15.

Sbisà M. Speech acts in context. *Language & Communication*; 2002, (22):421-436.

Searle JR. Speech acts: na essay in the philosophy of language. Cambridge: University Press, 1969.

Stone WL, Caro-Martinez LM. Naturalistic obserations of spontaneous communication in autistic children. *J Autism Dev Disord*. 1990; 20 (4): 437-53.

Tager-Flusberg H. On the nature of linguistic functioning in really infantile autism. *Journal of Autism and Childhood Schizophrenia*; 1981, (11):45-56.

Tamanaha AC. Intervenção na linguagem da criança com autismo. In: Perissinoto J organizador. *Conhecimentos essenciais para atender bem as crianças com autismo*. São José dos Campos: Pulso; 2003, Cap 6. p.55-60.

Volden J, Lord C. Neologisms and idiosyncratic language in autistic speakers. *Journal of autism and developmental disorders*; 1991, (21):109-130.

Volkmar F, Carter AS, Sparrow SS, Cicchetti DV. Quantifying social development in autism. *Journal Am. Acad. Child Adolesc. Psychiatry*; 1993, (32): 627-632.

Volkmar F, Klin A. Social development in autism: historical and clinical perspectives. In: Baron-Cohen S, Tager-Flusberg H, Cohen DJ. *Understanding other minds: Perspectives from autism*. Oxford, Oxford University Press, 1993, p. 40-55.

Watson LR. Following the child's lead: mothers' interactions with children with autism. *Journal of Autism and Developmental Disorders*; 1998, 28(1):51-59.

Wetherby A, Prutting C. Profiles of communicative and cognitive –social abilities in autistic children. *Journal of Speech and Hearing Research.*; 1984, (27):437-439.

Wetherby A, Yonclas D, Bryan A A. Communicative profiles of preschool children with handicaps: implications for early identification. *Journal of Speech and Hearing Research.*; 1989, (54):148-158.

Wetherby AM, Prizant BM. Introduction to autism spectrum disorders. In: Wetherby AM, Prizant BM editores. *Autism spectrum disorders – a transactional developmental perspective*. Baltimore: Paul Brooks; 2001, p.1-7.

Wetherby AM, Prizant BM, Schuler AL. Understanding the nature of communication and language impairment. In: Wetherby AM, PRIZANT BM editors. *Autism spectrum disorders – a transactional developmental perspective*. Baltimore: Paul Brooks; 2001, p.109-141.

Whalen C, Schreibman L. Joint attention training for children with autism using behavior modification procedures. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*; 2003, (44):456-468.

Wing L. Asperger's syndrome: clinical account. *Psychol. Med*; 1981, (11):115.

Wing L. A abordagem educacional para crianças autistas: teoria, prática e avaliação. In: Gauderer C. *Autismo e outros atrasos do desenvolvimento-guia prático para pais e profissionais*. 2 ed revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Revinter; 1997a, p.104-110.

Wing L. O contínuo das características autistas. In: Gauderer C. *Autismo e outros atrasos do desenvolvimento-guia prático para pais e profissionais*. 2 ed revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Revinter; 1997b, p.111-119.

Wing L. Como manejar os problemas de interação social das pessoas autistas. In: Gauderer C. *Autismo e outros atrasos do desenvolvimento-guia prático para pais e profissionais*. 2 ed revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Revinter; 1997c, p.120-125.

Yont KM, Snow CE, Vernon-Feagans L. The role of context in mother-child interactions:na analysis of communicative intents expresses during toy play and book reading with 12-month-olds. *Journal of pragmatics*; 2003, (35):435-54.